AfroBio Imagens

2023

Escola Viva

Prefácio

O que pode acontecer quando uma professora sabida e inquieta encontra parceiros(as) entusiasmados e condições ideais para colocar em prática suas inspirações e provocações?

"Eu era muito diferente do que imaginava, e durante alguns dias me achei feia, como a sinhá sempre dizia que todos os pretos eram (...). E assim foi até o dia em que comecei a me achar bonita também, pensando de um modo diferente e percebendo o quanto era parecida com a minha mãe".

Essa passagem do extraordinário livro "Um Defeito de Cor" (Record, 2006), da mineira Ana Maria Gonçalves, ilustra boa parte da motivação pedagógica por trás de um projeto tão potente quanto foi o Afro-BioImagens, idealizado pela professora de História, Luciana Sobral, em parceria com os professores de Língua Portuguesa, Lucas Meirinhos da Costa e Adriano Oliveira.

De acordo com o historiador Jacques Le Goff "...devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos". Já para o historiador de arte Giulio Carlo Argan, "a obra é sempre a mesma, mas as consciências mudam".

Partindo dessas concepções da História e de leituras e projetos cruzados no 9° ano em 2023, com foco no Brasil e EUA do Século XIX e nas obras Kindred: laços de sangue (Octavia Butler), Brasil Tumbeiro (Mario Aranha) e Angola Janga (Marcelo D'Salete), foi proposta a ressignificação crítica de arquivos imagéticos que compuseram nos imaginário racista e racializado.

A colagem como linguagem de manifestação crítica social tem sido um recurso valioso nas mãos de artistas talentosos como Silvana Mendes e sua bela série "Afetocolagens", Keila Gondim e sua "Colagem Preta", Domitila de Paulo e suas "Deusas no Orun", Alberto Pereira e a série "Negro Nobre" ou ainda Moara Tupinambá com o conjunto "Mirasawá – povo, em língua Nheengatu". Em todas essas obras, nota-se uma subversão do olhar eurocêntrico hegemônico pela retorsão de signos e reafirmação de novas identidades que valorizam a real riqueza da contribuição de negros e indígenas para a cultura nacional.

Ora, assim sendo, retomamos a passagem de Ana Maria para corroborar o quanto uma atividade desse tipo foi fundamental para ressignificar o olhar de nossos(as) estudantes e comunidade escolar acerca da potência e beleza de personalidades negras, muitas vezes suprimidas por uma cultura branca e eurocentrada.

Posso afirmar que esse projeto foi transformador não só para os(as) estudantes que dele fizeram parte, mas também para toda a equipe docente e eu que aqui vos falo.

Deleitem-se com as produções estudantis - e de alguns(mas) professores(as) - e espero que ressignifiquem vossos olhares tanto quanto ressignificaram os meus.

— Micha Filardi
Coordenação Fundamental 2

Apresentação

Uma marca da nossa espécie é o fato de que podemos refletir sobre o passado e projetar o futuro. Nunca na história precisamos tanto desses dois atos: refletir e projetar. Porém, há que se (re)aprender a *refletir* e *projetar*, uma vez que na história moderna e contemporânea, o passado foi usado para justificar hierarquias sociais e raciais e projetar um progresso ilusório, destrutivo e excludente.

Olhemos para o que no passado se desprezou da cultura afro-confluente e diaspórica de origem Iorubá e Axante respectivamente. Nelas aprendemos que "Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje" e que *Sankofa*, o mais conhecido dos símbolos *adinkras*, representa o desafio humano de retomar e aprender com o passado negado e esquecido, para transformar o presente e semear o futuro. Semear para germinar nos ensina a ancestralidade e Mestre Nego Bispo. E a educação não pode temer esse desafio de buscar o que se esqueceu.

Atrevo-me a dizer que começamos nossa busca. Dois projetos, leituras cruzadas entre arte, literatura e história, professores e alunos implicados, muita disposição e criatividade, uma escola desejosa de fazer esse movimento. Os projetos? *Re-Imaginar Arquivos e AfroBioImagens: diálogos com brasis e carolinas.*

O que verão em *Re-Imaginar Arquivos* são imagens que ajudaram a constituir nosso imaginário racista e racializado e que precisam de desconstrução se quisermos, de fato, olhar para esse passado-presente que nos constitui como continente fraturado, são ressignificações produzidas por estudantes do 9° ano que re-imaginam, a partir de nosso tempo, esses arquivos da História afro-Brasil-EUA, da presença negra e de outros grupos minorizados em luta que estão nos educando a ser e estar no mundo com outras cosmo percepções.

O que verão em *AfroBioImagens* é uma parte do processo de diálogo do 8° ano e dos professores do ensino Fundamental II e Médio entre arte e biografia com inspiração advindas da leitura de Carolina Maria de Jesus, da História do Brasil e de artistas negros contemporâneos. A criação resultou na reverência dev ida às personalidades negras que são, muitas vezes, "soterradas nos escombros da representação eurocêntrica" nos dizeres da curadora Lorraine Mende da Mostra Dos Brasis. É o ansiado diálogo passado-presente, com artistas, escritores, pensadores, movimentos sociais que nos legaram memória coletiva, vidas notáveis, por vezes ignoradas, esquecidas, invisibilizadas, mas sempre relevante como faróis a nos guiar na busca do que desconhecemos ou esquecemos.

Ao final, vocês encontrarão ainda, um exemplar do cartaz que faz parte dos debates sobre cultura digital e cultura de ódio. Trata-se de uma campanha de conscientização e ativismo em que o 8° ano desenvolveu cartazes com temas variados, entre eles o racismo e, o 9° ano, realizou podcasts com os mesmos temas.

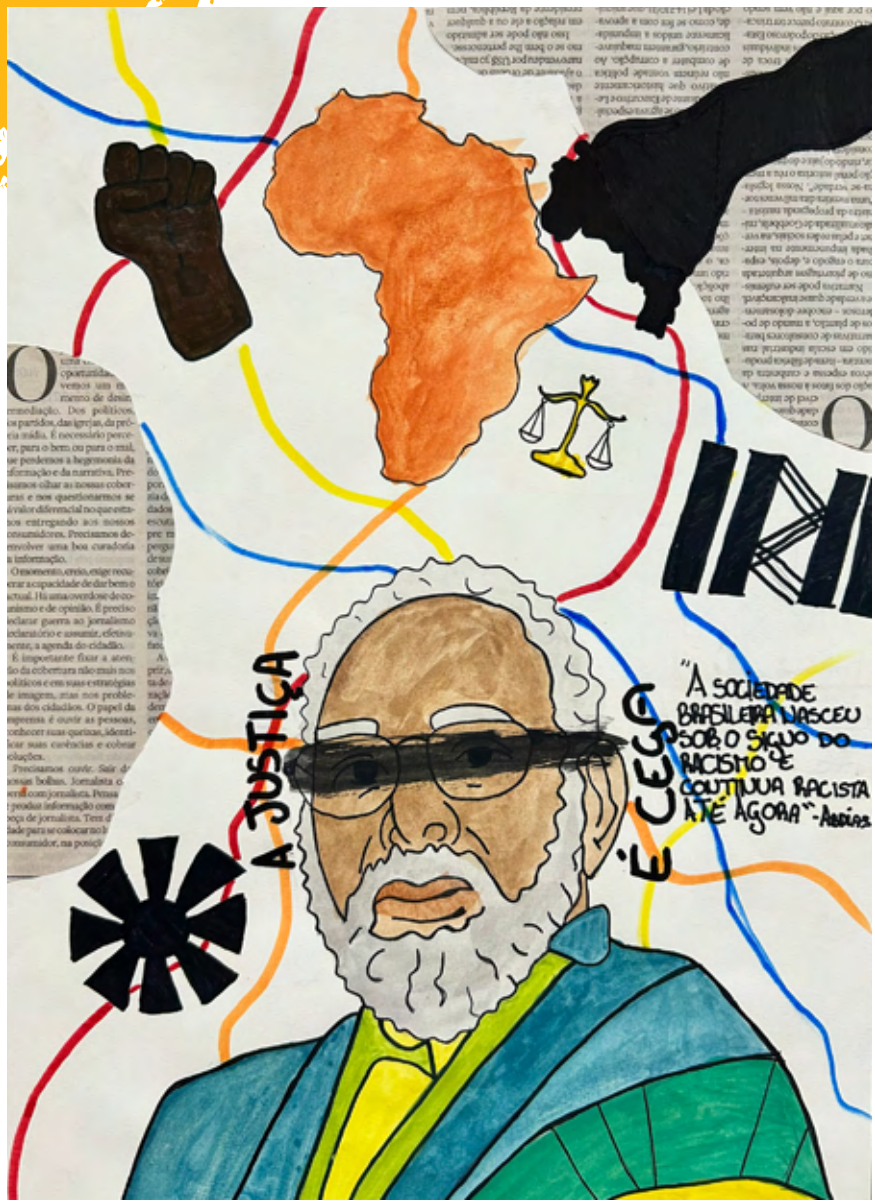
Refaço o convite do historiador Jacques Le Goff a "fazer o inventário dos arquivos do silêncio e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos". Que possamos escavar os escombros, voltar e pegar o que nos falta para semear a descolonização de nossas mentes e imaginações.

— Luciana Sobral

AB DIAS do Nascimento

"um guerreiro com nome de poeta"

Por: Helena Ellero e Lucca Iannelli



Nascido em 14 de março de 1914, em Franca, São Paulo, morreu em 23 de maio de 2011, aos 97 anos. Durante sua vida Abdias foi um guerreiro, lutando pelos direitos civis e humanos da população negra do Brasil, era um ativista, poeta, dramaturgo, escritor, artista plástico, professor de universidade e um político, que durante os anos de 1997 a 1999 foi o senador do Rio de Janeiro.

Sendo um importante expoente da cultura negra e dos direitos humanos tanto no Brasil quanto no mundo, foi oficialmente indicado ao Prêmio Nobel da Paz de 2010. Fundou várias entidades pioneiras como o Teatro Experimental do Negro (TEN), o Museu da Arte Negra (MAN) e o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO). Foi um dos idealizadores do Memorial Zumbi e do Movimento Negro Unificado (MNU) e atuou em movimentos nacionais e internacionais como a Frente Negra Brasileira, a Negritude e o Pan-Africanismo.

Quando jovem foi membro da Ação Integralista Brasileira, onde atuou desde seu começo na decada de 1930 até seu fim como jornalista, considerando o período fundamental para lhe "possibilitar conhecimentos sobre a cultura brasileira, arte, literatura e economia", tendo se desligado após o fechamento legal da AIB por se opor a "um segmento sistematicamente racista contra os negros" dentro do movimento.

Atuou no antigo Partido Trabalhista Brasileiro e foi fundador do Partido Democrático Trabalhista, em 1981, chegando a ser vice-presidente da legenda, estando filiado até sua morte.

Além disso, foi professor emérito na Universidade Estadual de Nova Iorque, no campus de Buffalo, onde, durante seu exílio do regime militar (1964-1985), foi professor titular por dez anos, também atuou como professor visitante na Escola de Artes Dramáticas da Universidade Yale. Convidado pelo Fórum das Humanidades da Universidade Wesleyan, também nos Estados Unidos. Depois de voltar do exílio, foi deputado federal e senador da República, além de secretário do governo do Estado do Rio de Janeiro.

Re-Imaginar:

da Redenção de Cam a Abolição da Redenção

Título da obra: *Abolição da Redenção*
Técnica: *Colagem Digital*
Data: *2023*
Autores: *João Pedro M. Santos, João Pedro Barranco, Lara Loeb*

A Redenção de Cam (1895), criada por Modesto Brocos (1852-1936), artista espanhol radicado no Brasil, é uma das pinturas mais reacionárias e preconceituosas da história brasileira. A obra sintetiza o projeto de nação do pós-abolição: o mito da democracia racial e a política de branqueamento.

Cam, personagem bíblico filho de Noé, expõe a nudez de seu pai, embriagado de vinho, e por isso recebe um castigo: ele e seus descendentes são condenados a serem servos de seus irmãos ao longo dos séculos como forma de redimir seus pecados.

Cam e seus descendentes são retratados como negros nas representações, e essa pintura de 1895 registra o nascimento de uma criança branca filha de uma mãe "parda" e um pai branco. Nela, a mulher negra, mais velha, comemora esse acontecimento. O nome da obra sugere que o branqueamento da geração é uma espécie de redenção pelos pecados de Cam.

A ideologia retratada na pintura serviu durante séculos como justificativa da Igreja Católica e do sistema colonial para escravizar as populações africanas, tratá-las como seres sem alma e dilacerar por completo sua humanidade.

Usando a técnica da colagem digital e visando ressignificar a obra, nós decidimos colocar várias representações multiculturais, coloridas, belas e dançantes em volta da senhora negra que representa Cam, pintada de braços abertos no meio. Os braços mostram que ela recebe a todos e celebra a todos. Brancos, pretos, altos, baixos, entidades ocidentais, orixás das religiões afro-brasileiras, **todos**.

É importante destacar como eles se celebram e também a presença da natureza e plantas em volta, pois quisemos representar um convívio zeloso em todos os âmbitos, tanto sociais quanto ambientais. Basicamente, tem-se uma grande festa, onde todos se respeitam, louvam e comemoram. É a Abolição da Redenção.

TIM MAIA

"Sou o síndico e o filósofo deste país"

Por: Renata Montagner

Sebastião Rodrigues Maia nasceu em 28 de setembro de 1942, no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro e foi o décimo oitavo filho de Altino e Maria Imaculada Maia. Ajudou a família a se sustentar, vendendo marmitas no mesmo bairro onde morou. O início de sua carreira musical aconteceu no coral de igreja enquanto Tim ainda morava na Tijuca e seu primeiro grupo musical também surgiu lá: Tijucanos do Ritmo. Tim formou um outro grupo chamado Sputniks, com Roberto Carlos, Arlênio Lívio, Edson Trindade e Wellington Andrade. Após um desentendimento com Roberto Carlos, o grupo acabou.

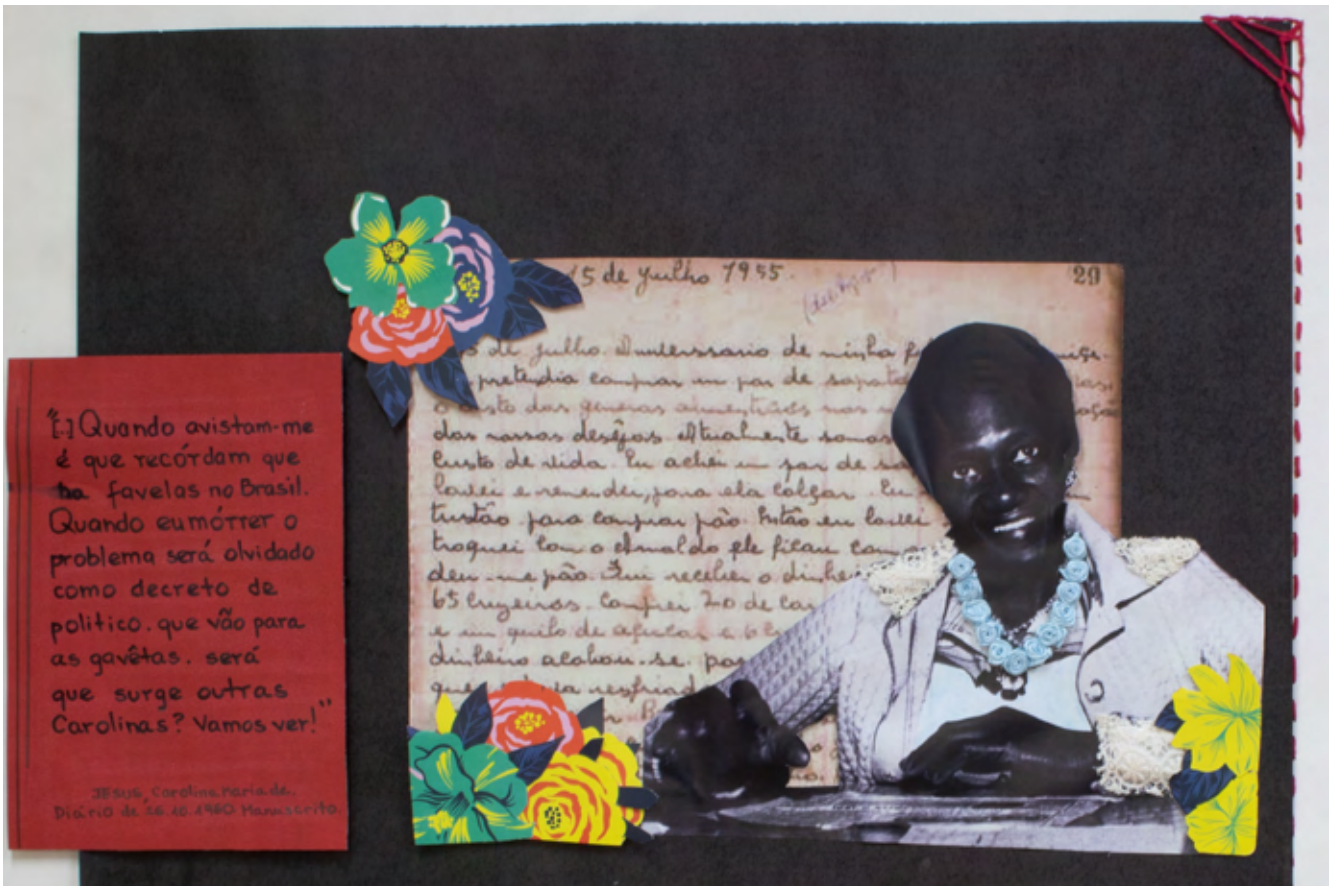
Entretanto, após a morte de seu pai, foi para os Estados Unidos aos 17 anos e procurou pela Sra. Cardoso que morava em Tarrytown. A Sra Cardoso comprava marmitas da família de Tim e o acolheu por 2 anos em sua casa no estado de Nova Iorque. Então, ele decidiu seguir para a cidade de Nova Iorque sozinho, onde trabalhou em lanchonetes, pizzarias e até em asilo. Chegou a ser preso por furto e viveu dias em situação de rua. Embora esse período tenha sido conturbado, foi fundamental para que suas referências musicais contivessem o soul, jazz e R&B por ter frequentado locais que tocavam esses gêneros musicais.

Retornou para o Brasil e trabalhou como guia turístico e como compositor para Roberto Carlos e Erasmo Carlos. Gravou uma música com Roberto, chamada "Não vou ficar" e consolidou seu retorno para o movimento musical.

Em 1970, lançou seu primeiro EP e não parou mais. Percorrendo o caminho do sucesso e fama, ficou conhecido como o precursor do soul music no Brasil. Fato interessante é como Tim conseguia transformar em arte própria a composição feita por outros artistas, como por exemplo "Gostava Tanto de Você", composta por Edson Trindade. Seu ápice musical aconteceu na década de 70 com "Não vou Ficar", "Sossego", "Você e eu, eu e você (Juntinhos)".

Tim Maia teve altos e baixos. Desde a prisão nos EUA, as tentativas de chegar ao peso ideal, vícios, não-cumprimento de agendas, o cantor sofreu com a saúde debilitada por conta de instabilidade metabólica, edema pulmonar e oscilação de pressão e ao final de sua carreira era infelizmente possível perceber que Tim não estava bem fisicamente ou emocionalmente. Depois de desmaiar no palco, num ensaio para um show pago que seria transmitido, foi internado, mas em 16 de março de 1988 sofreu um choque séptico e faleceu aos 56 anos. Mas , nosso melhor síndico continuará animando as baladas deste país.

fonte: https://novabrasilfm.com.br/especiais/foras-de-serie/tim-maia-80-anos-relembre-a-trajetoria/



CAROLINA

Maria de Jesus

A poetisa negra

Uma das maiores escritoras de nossa história, Carolina Maria de Jesus, atingiu o sucesso e conheceu o esquecimento ao longo de sua vida. Nascida em 1914, na cidade de Sacramento, Minas Gerais, conheceu desde cedo os horrores de uma sociedade racista e preconceituosa no pós-abolição.

Cursou até o segundo ano primário na Escola Allan Kardec, onde entendeu como a leitura e a escrita poderiam se tornar suas armas para lutar contra as diversas opressões que sofria. Ao longo de sua juventude, seja em Sacramento ou em outras cidades do interior de São Paulo, trabalhou junto com sua família em algumas fazendas como colona, sem direitos ou salário, tentando encontrar formas de sobreviver à fome – ou à "amarela", a forma como ela passou a se referir anos mais tarde a essa inimiga mortal.

Nada conseguia fazer com que ela se desviasse de sua maior paixão: a palavra. Passava todo o tempo que estava livre lendo e escrevendo. Nos anos 1940, vivendo entre São Paulo e o Rio de Janeiro, trabalhando como doméstica em casas de famílias ricas, Carolina passou a produzir sua literatura de forma quase religiosa, não deixando de escrever nenhum dia, independente de seu cansaço e de sua situação. Nessa década conseguiu ter biografias e retratos publicados em jornais nas duas cidades, acompanhados de ao menos um texto de sua autoria. Exemplo disso é o poema "O colono e o fazendeiro", publicado na Folha da Manhã, em fevereiro de 1940. Poema do qual segue abaixo a transcrição das duas primeiras estrofes:

"Diz o brasileiro
Que acabou a escravidão
Mas o colono sua o ano inteiro
E nunca tem um tostão.

Se o colono está doente
É preciso trabalhar
Luta o pobre no sol quente
E nada tem para guardar."

Carolina foi soterrada nos anos seguintes pela fome, pelo desamparo e pelo desemprego, e desde o final dos anos de 1940 passou a buscar seu subsídio no trabalho que marcaria sua trajetória: catadora de papel. Entre 1948, depois de passar um tempo vagando nas ruas de São Paulo, entre marquises e cortiços, recebeu da prefeitura um pequeno lote de terra às margens do rio Tietê. Este local foi durante mais de uma década sua morada: a favela do Canindé. Num pequeno barraco, entre 1949 e 1953, neste local deu à luz aos seus três filhos: João José, José Carlos e Vera Eunice.

No final dos anos 1950, Carolina produziu – além de outros diversos gêneros como poesia, peças teatrais, contos e romances – um diário no qual registrava tudo o que acontecia na favela do Canindé. Em 1958, ocorreu um encontro que mudou a vida de Carolina para sempre: Audálio Dantas, jornalista da Folha da Noite, foi à favela do Canindé para escrever uma reportagem sobre a vida das pessoas do local. Lá ele encontrou uma mulher que estava, com sua voz forte, denunciando o mau uso do parquinho do local por adultos. Uma das "ameaças" feitas por ela deixou o jornalista curioso: "Vou colocar vocês todos no meu livro!" Depois de ler os cadernos que compunham o diário de Carolina, Audálio resolveu ajudá-la a publicar esse livro. Ajudou na formatação de seus textos e na procura de uma editora para ela, o que culminou na publicação de Quarto de despejo: o diário de uma favela, em 1960.

Esse livro foi um best seller de sua época, superando outros figurões de nossa literatura, como Jorge Amado e Clarice Lispector, que haviam publicado na mesma época Gabriela, cravo e canela (1958) e Laços de família (1960).

O sucesso da obra a fez sair da favela, passando a residir inicialmente em Santana, local onde conseguiu produzir e publicar mais algumas obras como Provérbios e Pedaços da Fome. Posteriormente mudou-se para Parelheiros, extremo sul da capital paulista, local onde residiu até o final de sua vida, em 1977.

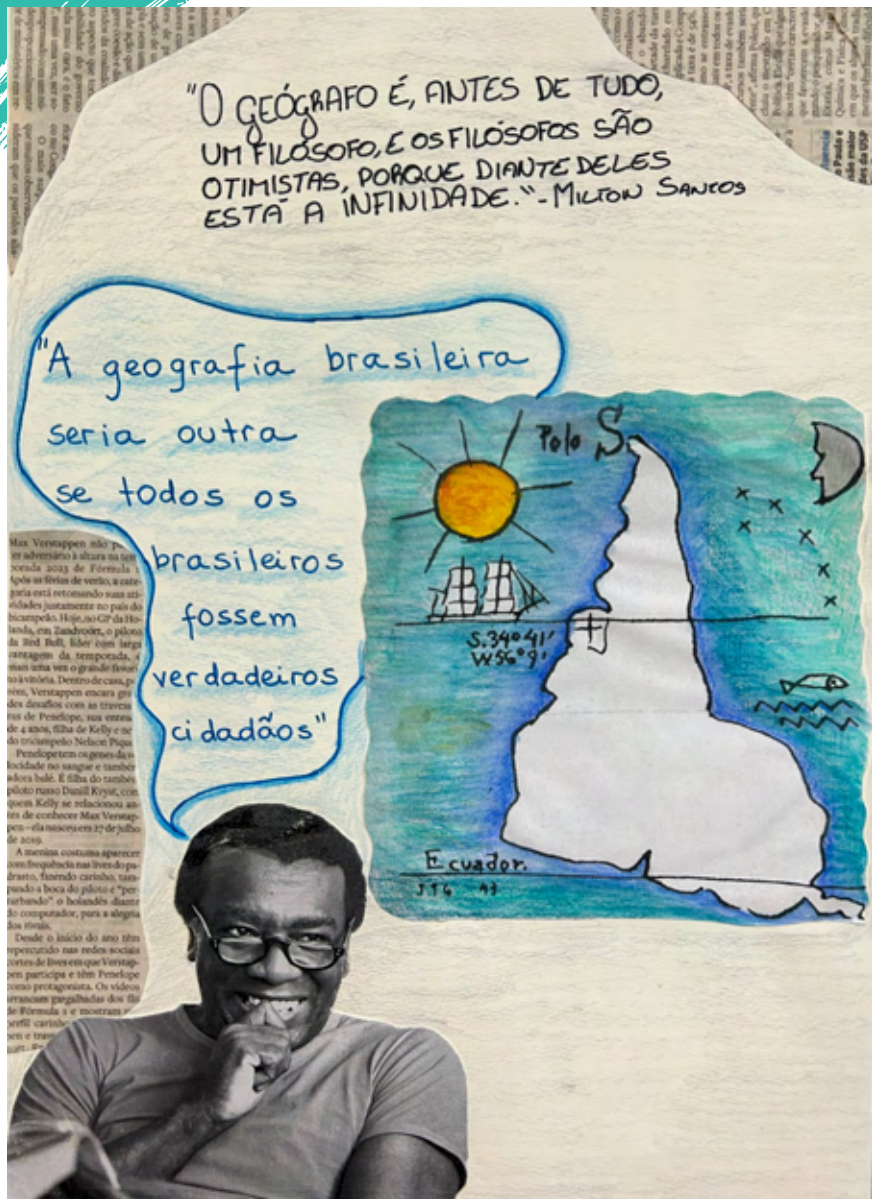
A vida de Carolina Maria de Jesus foi exemplo de dedicação à sua obra, de uma entrega quase completa à literatura, que produziu brilhantemente. Embora tenha sido propositalmente "esquecida" depois de sua morte, sua memória é constantemente resgatada e sua figura é exaltada pelas novas gerações. Carolina está entre os grandes autores de nosso país, não apenas entre seus contemporâneos, mas entre os grandes mestres de nossas letras.

O caminho que ela trilhou assegurou o espaço para as "carolinas" que vieram depois e que continuarão a vir com ainda mais força para apresentar, contar, denunciar e mesmo para encantar o Brasil.

MILTON Santos,

um lendário geógrafo

Por: Alfredo Pires e Pietro Tolentino



Milton Almeida dos Santos, mais conhecido como Milton Santos, foi um renomado geógrafo brasileiro reconhecido internacionalmente.

Filho de Francisco Irineu dos Santos e Adalgisa Umbelina de Almeida Santos, nasceu em Brotas de Macaúbas (Bahia) no dia 3 de maio de 1926; se casou com Marie-Hélène Tiercelin dos Santos e tiveram dois filhos: Rafael Santos e Milton Santos Filho.

Milton formou-se em direito pela Universidade Federal da Bahia e tirou seu doutorado em 1958 em Geografia pela Université de Strasbourg na França, foi professor de Geografia Humana na UCSal (Universidade Católica de Salvador) e na UFBA (Universidade Federal Da Bahia, Campus Ondina) no período de 1956 a 1961, lecionou também fora do Brasil passando por Paris, Peru, Venezuela, Estados Unidos, Canadá,Tanzânia entre outros países. Neste período, Santos lutou contra a ditadura civil-militar (1964-1985).

Escreveu numa série de jornais, foi correspondente e Diretor da Imprensa Oficial da Bahia (entre 1959-1961), ele era bastante envolvido na política e no mesmo período foi chefe da Casa Civil da Presidência Da República no Estado e Presidente da Fundação Comissão de Planejamento Econômico da Bahia, membro da comissão especial de Constituição Estadual, consultor das Nações Unidas, da UNESCO, da OIT e da OEA.

Ele foi o primeiro e único Latino-Americano a ganhar o prêmio Vautrin Lud em 1994 (o prêmio nobel da geografia) e foi professor emérito da USP no ano de 1997 e recebeu várias homenagens em universidades pelo mundo.

Em 24 de junho de 2001 aos 75 anos, Milton morreu vítima de câncer de próstata, na cidade de São Paulo, dois anos após ganhou o prêmio Ordem do Mérito Cultural*.

Milton Santos deixou contribuições importantes para pensar a urbanização, os países do sul diante do norte e a globalização. Seu livro mais conhecido "Por uma outra Globalização" é considerado fundamental para pensar esse contexto.

*("A Ordem do Mérito Cultural é uma ordem honorífica dada a personalidades brasileiras e estrangeiras como forma de reconhecer suas contribuições à cultura do Brasil").

Re-Imaginar:

das amas de leite às babás

"Quase todo o Brasil cabe nesta foto" - Luiz Felipe De Alencastro historiador

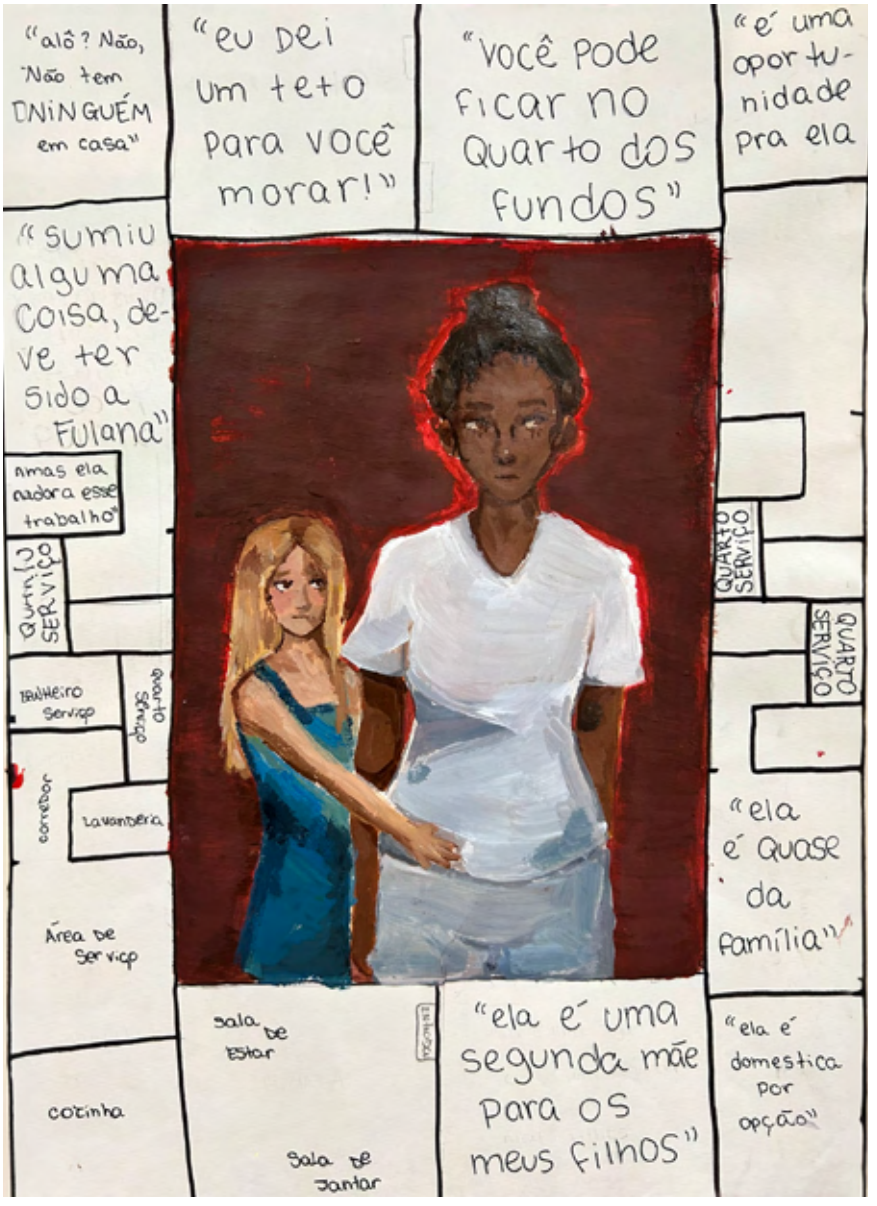
A fotografia se popularizou no Brasil na segunda metade do século XIX durante o reinado de D. Pedro II. O foco do nosso trabalho foram os cartões postais de amas de leite que circulavam dentro e fora do Brasil. Dentre muitos destacamos o postal em que aparecem Augusto Gomes Leal (futuro escritor) e sua ama de leite Mônica, fotografados por Villela em Pernambuco em 1860, vinte oito anos antes da abolição da escravidão. Amas de leite eram escravas domésticas que viviam na casa grande e eram assim nomeadas por seu papel especial como principais cuidadoras dos filhos dos senhores, tinha como função principal amamentar e cuidar dos bebês recém nascidos do casarão eram vendidas ou alugadas para a função.

Elas fazem parte de um marco histórico muito triste para o Brasil, visto que eram forçadas a negligenciar bebês biológicos para cuidar de crianças brancas, o que muitas vezes resultava na morte prematura de seus filhos ou na desnutrição dos mesmos. Esse trabalho continuou a existir mesmo após a abolição da escravidão, já que muitas dessas mulheres não tinham nem pra onde ir, nem educação suficiente para conseguir outros trabalhos. Por muitos anos, amas de leite foram forçadas a viver sua vida cuidando de filhos que não eram seus, sendo forçadas a deixar sua família no processo.

Esse título e a forma como essas mulheres eram retratadas, como cuidadoras de bom-grado que amavam os filhos de seus senhores, influenciou muito a percepção da sociedade sobre mulheres negras ao longo da história e contribuiu muito para a formação de estereótipos como a babá negra. Continua a influenciar, já que a história das amas de leite nunca foi propriamente tratada em espaços educacionais e sua função foi apenas evoluindo, sendo o principal precedente para as empregadas/babás domésticas atuais e os quartos de serviço, estrategicamente colocados perto das lavanderias e cozinhas, escondidos da vista de convidados.

Por isso, decidimos trazer à luz a história dessas mulheres e seus efeitos nos dias atuais, onde mulheres de classe baixa continuam a ser forçadas a trabalhar como cuidadoras e babás, morando na casa de seus patrões onde deixam sua família apenas para conseguir o dinheiro necessário para sobreviver. Mulheres essas que continuam a ser escondidas das vistas das pessoas, com suas tristezas e vida própria apagadas a partir do momento que passam a serem vistas e percebidas por outros como apenas empregadas.

Logo, fizemos uma nova pintura baseada no postal de Villela, para comentar sobre as problemáticas do passado e como elas se tornaram problemáticas atuais. Representando Mônica como uma doméstica, refletimos sobre as raízes desse trabalho, a desumanização de mulheres como ela, e seu atual lugar dentro das casas e de famílias. Convidamos também quem vê a obra a pensar sobre as frases nela presentes, e sobre a ideia ainda permanente de propriedade sob trabalhadoras domésticas.



Título da obra: *Permanências*
Técnica: *Tinta acrílica sobre papel*
Data: *2023*
Autores: *Ana Luiza Figueiredo, Clara Wagner, José Pusch, Victor Silva*

LÉLIA

Gonzalez,

uma pensadora da Améfrica Ladina

Por: Bento Palermo e Giovana Furquim

Lélia de Almeida Gonzalez nasceu em Belo Horizonte no dia 1 de Fevereiro de 1935. Ela foi, e ainda é, uma das maiores referências nos debates de gênero, classe e raça.

Filha de um negro ferroviário, Accacio Serafim d' Almeida, e de Orcinda Serafim d' Almeida, uma indígena e empregada doméstica, era a penúltima de 13 irmãos e sempre foi muito independente.

Mudou-se com a família, em 1942, para o Rio de Janeiro, acompanhando seu irmão Jaime, que havia sido contratado pelo Flamengo. Em 1950, conseguiu ingressar na universidade, onde cursou história e filosofia na atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tornou-se professora na rede básica de ensino, lecionando em escolas públicas e privadas. Realizou, em 1978, seu mestrado em comunicação social e doutorado em antropologia, tornando-se professora e pesquisadora na PUC do Rio de Janeiro.

No ano de 1964, casou-se com Luiz Carlos Gonzalez, de origem europeia. Vítima de racismo, Lélia sofreu a rejeição da família do marido, que admitia o relacionamento entre brancos e negros, desde que não houvesse casamento. No final dos anos 60, se separou e foi morar com sua mãe e seus quatro filhos.

Foi pioneira em tudo que fez, fundando vários institutos. Entre suas atuações destacam-se Movimento Negro Unificado (MNU), instituto de Pesquisas das Culturas Negras, Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga, no Partido dos Trabalhadores e no Olodum.

Atuou na resistência à ditadura civil militar (1964-1985), na luta de negros brasileiros contra o Apartheid na África do Sul, na formulação de mulheres negras nas políticas públicas, a partir do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Foi candidata a deputada federal pelo PT, em 1982, e pelo PDT, em 1986, não se elegendo, porém, ficando como primeira suplente.

Considerada uma das principais autoras do feminismo negro no país, escreveu "Lugar de Negro", "Améfrica Ladina" e "Por um Feminismo Afro-latino-Americano." Lutou contra o sexismo e o racismo na sociedade e cunhou conceitos como o de "amefricanidade" e "pretuguês". Segundo Lélia:

> "A amefricanidade será mais efetiva quando o pretuguês também fizer parte desse reconhecimento e da disseminação do conhecimento, sem ignorar sua existência e quanto constitui a identidade do Brasil. Nesse sentido, as contribuições de intelectual brasileira foram significativas para se pensar novas bases de epistemologia, ou seja, do conhecimento, ou seja, do conhecimento a partir das etnias marginalizadas. Perceber a profunda presença de colonização é se instrumentalizar para descolonizar nossos saberes e identidades."

Os conceitos cunhados por ela são utilizados até hoje, algo que mostra o quanto a cultura e sociedade negra/afrodescendente tem influência na nossa sociedade.

Lélia Gonzalez faleceu em decorrência de problemas cardiovasculares, no dia 10 de Julho de 1994, no Rio de Janeiro, mas continuará nos ajudando a compreender o Brasil.

GARRINCHA

O Anjo das Pernas Tortas

"Garrincha tinha duas pernas mágicas e negras"

— Sérgio Vaz

Por: Bruno Calia, Arthur Dutra e Luca Naddeo

Foi jogador de futebol e, na época de Garrincha (apelido dado pela irmã e que se referia a um pássaro), jogadores negros eram segregados e perseguidos. Ele foi rejeitado por alguns clubes, como Vasco da Gama, por conta de suas pernas tortas.

Quando conseguiu sua chance no Botafogo rapidamente virou uma sensação. "Se Pelé deixava os torcedores boquiabertos, Mané fazia os estádios gargalharem", diz Juca Kfouri. Era chamado de alegria do povo, mas, embora tenha sido genial como esportista, sofreu com o alcoolismo e especialmente com o preconceito. O glamour no futebol não chegou às outras esferas da vida pessoal de Garrincha.

Garrincha e Elza Soares se relacionaram, mas foi uma relação muito conturbada. Passagens de músicas de Elza faziam referência direta ao Garrincha. Ele e Elza foram perseguidos durante a ditadura, muito devido às suspeitas de envolvimento de Elza com a política. Tiveram que sair do Brasil. Acidentes de carro e alcoolismo fizeram a imprensa esportiva criar grande preconceito com Garrincha.

Ganhou duas Copas do Mundo (1958 e 1962) e era o ídolo máximo do Botafogo. Despertou na copa de 62 quando Pelé se lesionou e ele então percebeu que o título dependia dele.

Além de seu jeito único de jogar, por conta de suas pernas tortas, Garrincha conseguia fazer dribles rápidos que consistiam em muita movimentação e agilidade, que revolucionaram o mundo do futebol.

CLEMENTINA de Jesus

Rainha Quelé

Por: Renata Montagner

"Eu sou a mesma Clementina, moro na mesma casa em que morei e sou felicíssima, está bem? Sucesso para mim só trouxe coisas boas. Inclusive amigos. Muitos amigos bons mesmo, amigos de fé"

Também conhecida como Rainha Quelé e dona de um timbre de voz grave, nascida em Valença no Rio de Janeiro em 1901. Seu repertório musical inclui canções afro-brasileiras e forte presença dos banzos de seus ancestrais por meio dos jongos, partidos-altos e curimbas que cantava.

Filha da parteira Amelia de Jesus dos Santos e do capoeirista e violeiro Paulo Batista do Santos, viveu sua infância ouvindo sua mãe cantar enquanto lavava roupas à beira do rio e essa memória mais tarde apareceu em seus discos. Mudou-se para o bairro de Oswaldo Cruz na cidade do Rio de Janeiro e estudou em regime semi-interno no Orfanato Santo Antônio de onde manteve as conexões com o catolicismo e, seguia ouvindo a mãe rezar em jejê nagô, marcas da religião afro-brasileira.

Participou do grupo de Folia de Reis de João Cartolinha, que posteriormente levou Clementina para o Bloco As Moreninhas das Campinas onde conheceu importantes figuras como Paulo da Portela, Ismael Silva e Claudionor. Casou-se com Albino Pé Grande e foram morar no Morro da Mangueira, de onde nunca mais saíram. Clementina trabalhava como empregada doméstica e lavadeira e cantava por alegria, por prazer, por precisar cantar.

Em 1963, enquanto cantava na festa da Penha, fascinou o produtor Hermínio Bello de Carvalho que decidiu ensaiar com a cantora em sua própria casa para o espetáculo Rosa de Ouro, show no qual o até então desconhecido Paulinho da Viola também participou. A participação de Clementina no espetáculo lançou sua carreira profissional, que aos 63 anos, gravou LPs e foi reconhecida e aclamada pela crítica. Clementina passou por lugares como Dakar na África e Cannes na França representando a música brasileira e sempre (en)cantando. Em 1966 gravou seu primeiro disco solo preenchido pelas memórias da infância representadas pelo jongo, samba e partido-alto e mais uma vez impressionou artistas como Milton Nascimento que gravou "Escravos de Jó" em parceria com Clementina em seu álbum Milagre dos Peixes.

A cantora gravou ao todo 13 LPs, coletivos e individuais e foi louvada como o elo entre Brasil e África por artistas como Elis Regina, Caetano Veloso, Clara Nunes e João Nogueira. O sambista Candeia fez uma composição em sua homenagem chamada "Partido Clementina de Jesus" que foi gravada por ela e Clara Nunes em 1977.

Em 1983, o Teatro Municipal do Rio de Janeiro fez uma grande homenagem para Clementina com a presença de sambistas como Paulinho da Viola, Beth Carvalho e João Nogueira. A Rainha Quelé encantou em 1987 após um derrame aos oitenta e seis anos.

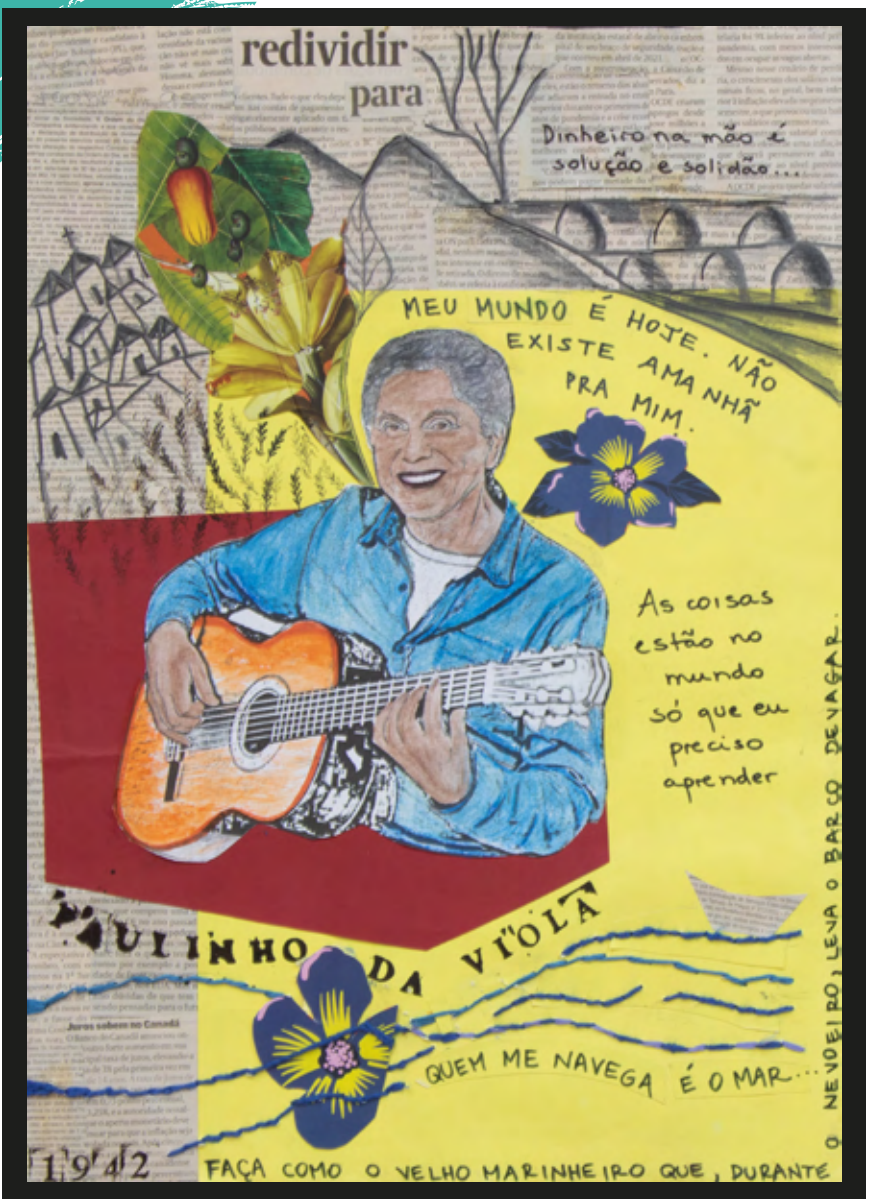
Fonte: http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/clementina-de-jesus

PAULINHO,

o poeta do tempo

"Não sou eu quem me navega / Quem me navega é o mar"

Por: Luciana Sobral



Março de 2023, cantando sozinho e acompanhado apenas por uma charmosa e potente caixinha de fósforos, Paulinho da Viola abre a turnê que comemora seus 80 anos de vida.

Paulo César Batista de Faria nasceu em 12 de novembro de 1942 em Botafogo, no Rio de Janeiro. Filho de pai violinista teve a música como presença forte desde os primeiros anos de vida quando conviveu com representantes do choro como Pixinguinha e Jacob do Bandolim.

Cantor de voz suave e melodias que são um presente aos ouvidos é um dos maiores e mais importantes representantes do samba e da MPB com reconhecimento nacional e internacional.

Na juventude iniciou seus estudos de violão e em 1962 compôs "Pode ser ilusão" depois de ter contato com grandes sambistas da união de Jacarepaguá, sua primeira escola de samba. Mas foi no bar do Nozinho que apresentou sua música "Recado" à ala de compositores da Portela e de lá nunca mais saiu.

Continuou seus estudos de contabilidade, trabalhava em um banco, mas nunca abandonou o samba, a viola e as composições. Em 1964 passou a se dedicar exclusivamente à música.

- 1968 - lança o primeiro disco solo "Paulinho da Viola" com composições suas e de outros parceiros, além de 3 músicas de Cartola.
- 1969 - ganha o primeiro lugar no festival da canção da TV Record com a música "Sinal Fechado".
- 1970 - lançou "Foi um rio que passou em minha vida" no carnaval da Portela que se tornou um clássico de sua carreira.

De lá pra cá são inúmeras as composições e os prêmios de reconhecimento. De "A voz do Morro" e "Nervos de Aço", passando por "Pecado Capital" e "Coração Leviano", acontece a consagração de um sambista de primeira linha.

"Meu Tempo é Hoje", documentário lançado em 2003, mostra os encontros musicais com a velha Guarda da Portela e com diversos artistas como Marina Lima, Élton Medeiros, Zeca Pagodinho e Marisa Monte.

Em "Bebadosamba" de 1996, a música que dá nome ao álbum presta uma bonita e sensível homenagem aos artistas que ajudaram a construir a história do samba como Cartola, Noel Rosa, Ismael Silva, Monsueto, João da Baiana, Nelson Cavaquinho entre tantos outros mestres.

Re-Imaginar:

do progresso para poucos ao elogio à diversidade

Feita em 1872 pelo pintor, impressor e gravurista berlinense radicado americano John Gast, a pintura Progresso Americano é a principal representação do "Destino Manifesto" e do ponto de vista branco norte-americano sobre o progresso e a civilização.

O Destino Manifesto foi uma doutrina do século XIX, baseada na ideia de que o povo estadunidense tinha a função de expandir seu domínio territorial e econômico pelo continente e mundo afora baseado na vontade divina. Essa política continua expressa, ainda hoje, na conduta de intervenção dos EUA na geopolítica internacional.

Na pintura percebemos um contraste entre luz e sombra, contendo no lado claro o progresso na forma do comércio, do trem, da navegação, da eletricidade e, no lado escuro, os animais selvagens e os indígenas em fuga. Localizada na parte superior, ao centro, a luminosa Colúmbia é a alegoria da nação civilizada.

Nossa ressignificação tem como objetivo mudar a ideia de que aquilo que é branco está no centro do poder, pois percebemos que a figura da mulher está levando a luz para o Oeste enquanto expulsa a natureza e os povos originários. Então, mudamos a mulher branca que está no centro por uma mulher negra com o rosto da escritora Conceição Evaristo. Na pintura o branco carrega a paz, a felicidade, o brilho e pensamos em mudar essa percepção que o negro não tem importância no mundo, e que não traz os mesmos atributos.

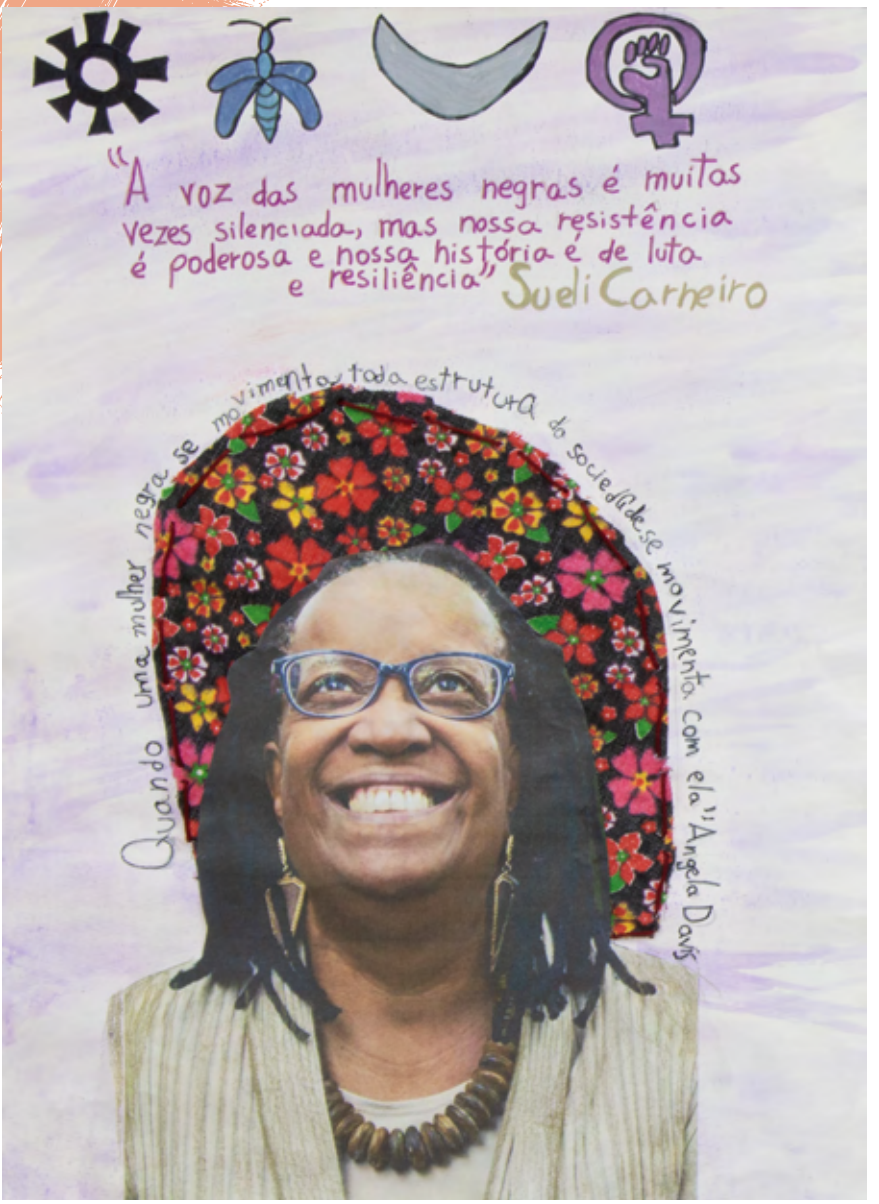
Tivemos a ideia de colocarmos coletivos sobre as problemáticas sociais atuais e que tem raíz no passado trazendo assim manifestações: antirracistas, a luta dos povos indígenas, anti-fascistas, em defesa dos ideais LGBTQIAP+, feministas entre outros movimentos que lutam por seus direitos, destacando desta forma, a importância de outros temas a serem abordados em nosso tempo e que questionam: o progresso é para quem?

Título da obra: *"Elogio à diversidade"*
Técnica: *Colagem digital*
Data: *2023*
Autores: *Catarina Bacci, Gabriela Eberhardt, Felipe Chiari*

SUELI Carneiro,

uma grande guerreira contra o racismo e o sexismo

Por: Antônio Galina, Nina Soares e Pedro Nunes



Aparecida Sueli Carneiro, também conhecida como Sueli Carneiro, viu a luz do mundo em 24 de junho de 1950, na cidade de São Paulo, Brasil. Ela é uma das protagonistas mais destacadas na luta contra o racismo e o sexismo no nosso país, destacando-se por sua atuação versátil, que envolve o ativismo político, pesquisa acadêmica e escrita.

Como filósofa e autora, ela brilhou na produção de uma série de livros, incluindo "Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil" e "Escritos de uma Vida", entre outros. Em 1988, co-fundou e assumiu a liderança do Instituto da Mulher Negra (Geledés), uma organização dedicada à promoção dos direitos das mulheres negras no Brasil, além de combater o racismo e o sexismo.

O Geledés desempenha um papel fundamental na defesa desses direitos e na busca pela igualdade racial no Brasil, sendo pioneira como organização negra e feminista independente em São Paulo.

Além de seu trabalho no ativismo, Sueli Carneiro é uma figura de destaque na academia brasileira, contribuindo com uma ampla gama de estudos relacionados ao feminismo negro, identidade racial e questões de justiça social. Seu trabalho inspirouvárias gerações de acadêmicos, ativistas e pensadores no Brasil.

Sueli participou ativamente de debates, conferências e movimentos para combater o preconceito e a discriminação relacionados ao papel das mulheres negras na sociedade. Ela também foi convidada a fazer parte do Conselho Nacional da Condição Feminina, em Brasília.

Durante o Centenário da Abolição em 1988, Sueli coordenou a criação do Programa da Mulher Negra sob o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Ela também teve um papel fundamental na criação do programa SOS Racismo do Geledés, que redefiniu o racismo como uma violação dos direitos humanos.

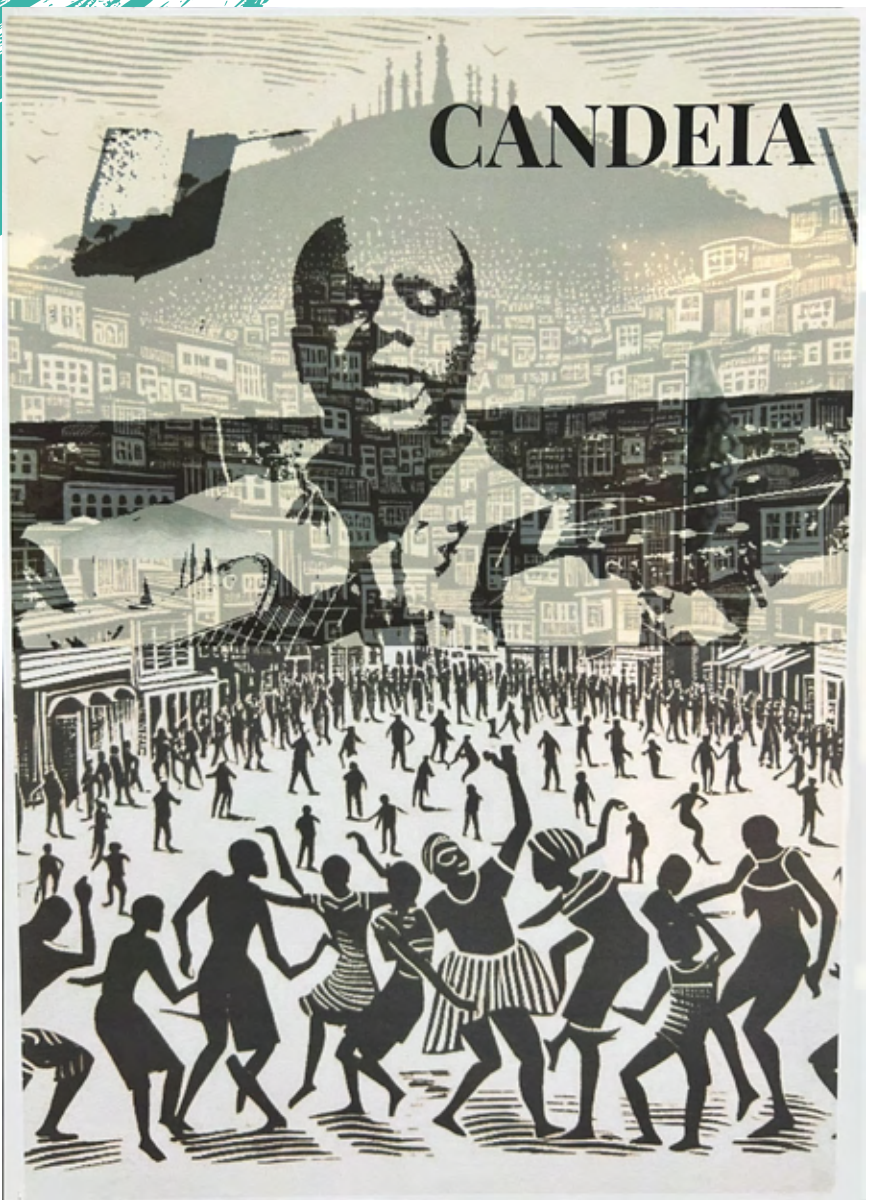
A autora foi premiada com uma grande quantidade de prêmios incluindo: Prêmio Bertha Lutz, em 2003, Menção Honrosa no Prémio de direitos humanos Franz de Castro Holzwarth, Prêmio Direitos Humanos da República Francesa, Prêmio Benedito Galvão, em 2014, Prêmio Itaú Cultural 30 Anos, em 2017, Prêmio Especial Vladimir Herzog, em 2020.

Quando uma ótima escritora negra, uma revolucionária de sua época, Carolina Maria de Jesus escreveu e publicou seu livro, ela se perguntou se no futuro haveria outras Carolinas e o fato de Sueli Carneiro ser quem ela é a prova de que existem outras Carolinas.

Como Sueli já disse "A voz das mulheres negras é muitas vezes silenciada, mas nossa resistência é poderosa e nossa história é de luta e resiliência." e isso tem muito haver com a obra de Carolina.

CAN DEIA

Por: Adriano Oliveira



Antônio Candeia Filho, desde sua infância, demonstrou sua vocação como compositor instrumentista, e sua dedicação à uma das manifestações culturais mais importantes de nosso tempo, o samba. Seu pai, Antônio Candeia, foi um membro ativo da escola de samba Vai Como Pode, que mais tarde se transformaria na emblemática Portela em 1923. Candeia Jr. fez parte da garbosa geração da escola, ao lado de notáveis sambistas como Aniceto da Portela, Mijinha, Manacéa, Argemiro, Alberto Lonato, Chico Santana, Casquinha, Zé Ketti, Wilson Moreira, Monarco, Noca da Portela, Paulinho da Viola, entre outros. Surpreendentemente, em 1953, com apenas 18 anos, ele conquistou o primeiro de seus cinco sambas vitoriosos na Portela, marcando seu nome na história da música brasileira.

Consolidou-se como condutor entre os grandes sambistas cariocas. Passou a agregar a mais alta cúpula do samba em sua residência para memoráveis pagodes de fundo de quintal. O compositor e partideiro estava feliz e envolvia a todos com lindos sambas de melodia sofisticada, que só as vivências dos morros cariocas poderiam proporcionar.

Foi numa noite, no Teatro Opinião. A casa cheia de amigos e convidados, ele entrou e presenteou a todos cantando sambas antigos e novos, encantando a todos, ao som de um violão:

"Em toda cultura nacional
Na arte e até mesmo na ciência
O modo africano de viver
Exerceu grande influência

E o negro brasileiro
Apesar de tempos infelizes
Lutou, viveu, morreu e se integrou
Sem abandonar suas raízes

Por isto o quilombo desfila
Devolvendo em seu estandarte
A histórias de suas origens
Ao povo em forma de arte". Ao Povo em Forma de Arte - **Candeia**

"Sentando em trono de rei
Ou aqui nesta cadeira
Eu já disse, já falei
Que eu canto de qualquer maneira
Quem é bamba não bambeia
Digo com convicção
Enquanto houver sangue nas veias
Empunharei meu violão
De qualquer maneira meu amor eu canto
De qualquer maneira, meu encanto
Eu vou cantar".

Para sempre CANDEIA

OCTAVIA Butler –

Acertando as contas com o passado

Por: Clara Wagner

Octavia Estelle Butler, nascida no dia 22 de junho de 1947, em Pasadena, nos Estados Unidos, é uma das autoras negras mais influentes da atualidade, considerada uma das mães do afrofuturismo.

Filha única de Octavia Margaret Guy, empregada doméstica, e James Butler, engraxate, ela cresceu em um dos momentos mais difíceis da segregação racial dos Estados Unidos. Seu pai morreu quando ela tinha 7 anos, e por isso quem a criou foram sua mãe e sua avó, ambas estritamente batistas.

Alfabetizada, Octavia começou a coletar livros e revistas de lixos. Sua timidez e auto estima muito baixa dificultaram a socialização com outras crianças. Além disso, ela tinha dificuldade com os trabalhos escolares por ser disléxica e se considerava "burra, feia e estúpida". Ironicamente, ela se tornou uma das maiores autoras de ficção.

Algumas de suas obras são *Fledgling, A Parábola do Semeador, Dawn, Ritos da Maioridade e Kindred* (leitura realizada pelo 9º ano) um romance de ficção científica pulicado em 1979 que conta a história de Dana, uma mulher negra que viaja no tempo para a época da escravidão nos EUA para fazer acertos com o passado.

Seus textos têm reflexões importantes sobre relações sociais, tecnologia, desigualdade racial e esperança. A autora publicou quinze romances, além de contos e ensaios.

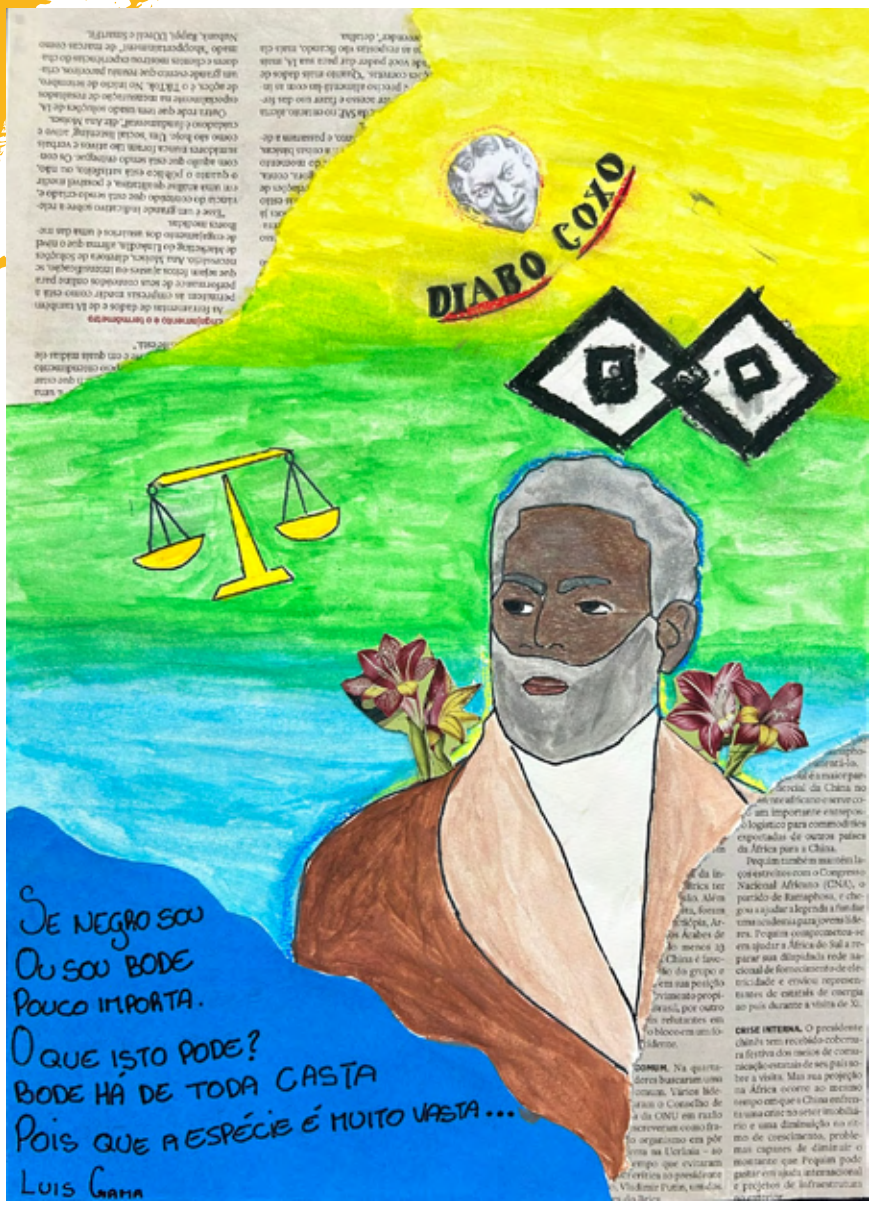
A grande dama da ficção científica morreu em 2006 em Lake Forest, Washington, fora de sua casa, e sua causa de morte é incerta: alguns noticiaram que ela havia sofrido um derrame cerebral fatal, enquanto outros indicaram que ela havia morrido de lesões cranianas depois de cair e bater a cabeça em sua passarela.

Octavia diz: ***"Comecei a escrever sobre poder porque era algo que eu tinha muito pouco."*** A escrita transformou sua vida e a vida de seus leitores através da imaginação, reflexão e representatividade. A autora recebeu os importantes prêmios como o Nébula e o Hugo de ficção científica e tornou-se uma forte inspiração para escritores.

LUÍS GAMA,

o patrono da abolição

Por: Lourenço Vallim e Miguel Laham



Luís Gama nasceu em junho de 1830, em Salvador, Bahia. Filho de mulher negra ex-escravizada e fidalgo português. Com pouco anos de vida foi abondonado pela mãe, Luiza Mahim, que participava de revoltas contra a escravidão e teve que fugir para o Rio de Janeiro. Luiza era uma espécie de figura mítica e não se tem certeza que ela era mãe de Luís, porém ser filho de uma pessoa importante no movimento abolicionista seria importante para ressaltar sua imagem como um dos maiores abolicionistas do Brasil.

Aos 10 anos foi levado ao Rio de Janeiro e vendido como escravo por seu pai para pagar uma dívida de jogo. Só conseguiu sua liberdade, quando descobriu que sua condição era ilegal, já que tinha uma mãe livre não poderia ser escravizado então aos 17 anos se tornou em fim, um homem livre.

Ao fim de sua juventude, Luís foi para a área do jornalismo e trabalhou em diversos jornais como o Diabo Coxo, Cabrião, Radical Paulistano, Correio Paulista e Polichinelo. Nessa profissão se tornou influente e conseguiu expressar sua opinião abolicionista.

Depois de sua carreira no jornalismo se tornou um advogado mesmo sem formação acadêmica, já que esta era de quase impossível acesso a população negra, e utilizou de seu conhecimento para ajudar o movimento abolicionista. Através de seus conhecimentos jurídicos defendeu e libertou mais de 500 homens e mulheres escravizados.

Além do reconhecimento no movimento abolicionista como rábula, um advogado sem formação acadêmica, e jornalista, também atuou como escritor e poeta, tendo escrito diversos textos que abordavam questões raciais e sociais. Todo esse movimento por mais que possa parecer individual, junto a milhares de outros movimentos anti-racistas culminou na abolição da escravidão em 1888.

Dentre suas diversas obras se destaca o poema: "Quem sou eu?" que usa a expressão bode, que era comumente utilizada para ridicularizar os negros.

Luís Gama é, e sempre será, lembrado como uma figura histórica de incrível importância, não só como um abolicionista, mas como um homem negro anacrônico que alcançou um lugar de extrema importância e respeito em uma sociedade que para ele só queria o fracasso.

VIRGINIA & NEUSA,

desdobramentos psíquicos do tornar-se negro

Por: Tomás Fiore

Virgínia Leone Bicudo

Psicanalista e Cientista Social, Virgínia Leone Bicudo foi uma das pioneiras dos estudos raciais no Brasil, evidenciando os efeitos e desdobramentos do racismo na subjetividade da população negra. Nascida em 1910, na cidade de São Paulo, foi a primeira "não-médica" brasileira a ser reconhecida como psicanalista, além de ter sido uma das primeiras professoras universitárias negras no país. Bicudo foi muito importante na institucionalização e difusão da Psicanálise no Brasil, sendo ela uma das fundadoras da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, e também por ter composto a equipe do "Projeto Unesco de Relações Raciais" no final dos anos 40, colocando em questionamento o ideário da "democracia racial brasileira".

Apesar de todo seu pioneirismo, após sua morte, em 2003, constata-se um apagamento do nome de Virgínia Bicudo na história da Psicologia e do campo da saúde mental brasileira, raramente sendo mencionada e creditada sobre sua importância para seu campo de estudo e na discussão sobre as relações raciais que estruturam o Brasil.

Neusa Santos Souza

Nascida em 1948 em Cachoeira, no Recôncavo Baiano, Neusa Santos Souza foi uma importante psiquiatra e psicanalista, especialmente por suas contribuições nos estudos da área das relações raciais. Militante antirracista, publicou em 1983 "Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social", uma das principais referências na Psicologia sobre os sofrimentos e dores psíquicas causadas pelo racismo e sobre seus reflexos na tendência de negação dos corpos e cultura negra por parte da própria população negra.

Apesar de seu peso e relevância na Psicologia e na luta pelos direitos da população negra, Neusa suicidou-se aos 60 anos em completo esquecimento e abandono, refletindo a invisibilização e desprestígio que a Ciência e a sociedade como um todo atribuem a questões raciais e seus desdobramentos psíquicos.

Entrecruzamentos

Promover uma inversão de paradigmas: contextualizar o pensamento freudiano à uma matriz eurocêntrica, reconhecendo seus limites e potencialidades na compreensão da realidade brasileira; desconfigurar o palco edípico do inconsciente, abrindo espaço para que o Teatro do Oprimido subverta um trama Machadiano; constranger uma ciência travestida de neutralidade, rasgando suas roupas e denunciando que ela tem cor, raça, classe, gênero e ideologias. Descolonizar a psicologia e o pensamento, atentando para as questões e contradições próprias aos nossos Brasis.

Virgínia Leone Bicudo e Neusa Souza Santos marcaram não apenas a Psicologia brasileira, mas também vários outros campos do conhecimento que buscam compreender e se debruçar sobre aquilo que é fundamental na construção do Brasil enquanto país: as relações raciais pautadas por uma estrutura racista. Ao trazer essa questão ao campo da Psicologia e passar a entender os sujeitos enquanto racializados, as duas autoras jogam luz ao fato de que tais relações raciais produzem subjetividade e sofrimentos.

Afinal, que modo de subjetividade é constituída a partir da experiência de uma pessoa negra que vive no Brasil? O que significa uma Psicologia e pensamento social propriamente latino americano e que se atenha às questões fundamentais deste território? É possível uma Psicanálise pensada no Norte e aplicada no Sul? Perguntas como essas apenas são possíveis a partir de Virgíni Bicudo e Neusa Santos. Perguntas que, hegemonicamente, tendemos a deixar de lado, varrendo-as para as arestas do inconsciente, esquecidas e abandonadas.

Re-Imaginar:

negros na Piscina - da segregação aos direitos molhados

Título da obra: *Direitos Molhados*
Técnica: *Colagem digital*
Data: *2023*
Autores: *Julia S. Bastos, Manuela Muniz, Dora Almeida*

Jim Crow. Nos sul dos EUA da pós-abolição esse foi o nome infame dado as leis de segregação racial que separavam pessoas negras e brancas em lugares comerciais, ruas, escolas, transporte e até mesmo cidades. Não é preciso dizer que os corpos negros segregados também não podiam desfrutar de áreas de lazer como Piscinas. A grande virada se intensificou com a luta pelos direitos civis nas décadas de 1950 e 1960. Mas Vale dizer que a luta antirracista é permanente tanto lá nos EUA, como cá no Brasil.

Nosso trabalho inspira-se no movimento “negros na piscina”. No dia 18 de junho de 1964, ativistas de diferentes raças e cores invadiram um hotel de luxo para, juntos, pularem na água da piscina. O ato, por mais simples que pareça, era encorajado pelo anseio do direito ao divertimento, ao lazer e à cidadania. A resposta foi quase imediata, um homem branco, dono do hotel, jogou um tipo de ácido na água e tudo diante dos registros das câmeras. Essa ação é quase como uma metáfora do que acontece na nossa sociedade todos os dias. O episódio do hotel repercutiu tanto que acelerou a aprovação da Lei dos Direitos Civis e o fim da segregação nos espaços públicos e privados em todo o país.

Esse evento histórico vem sendo ressignificado por muitos artistas diferentes desde então, trazendo reflexões e novas representações. Em nossa ressignificação, nós escolhemos trazer uma ideia contrária ao evento original. Colocamos várias pessoas negras em uma piscina, sendo elas famosas, importantes, revolucionárias ou anônimas, mostrando o direito básico ao lazer de todos estarem na piscina.

MANO BROWN,

a voz dos favelados

Por: João Paulo e Bruno Frankel

Pedro Paulo Soares Pereira nasceu no dia 22 de abril de 1970 na capital paulista, no bairro do Capão Redondo. Viveu com a mãe Ana, que faleceu em 2016, aos 85 anos e teve uma infância difícil sem a presença do pai. Sofreu muitos preconceitos e colocou tudo isso nas músicas como forma de desabafo. A música Holocasto urbano, por exemplo, conta as violências nas favelas.

Na adolescência entrou no clube do rap em 1988, para ver a apresentação do rapper Edi Rock e conheceu o Ice Blue e o KUay. Formou então um grupo de amigos que tinha a mesma paixão no rap e, a partir dessa paixão, eles criaram um grupo chamado de Racionais, com o primeiro disco gravado em 1990 com a música *"Fim de semana no parque"*.

O apelido e nome artístico surgiu nas rodas de samba em 1986. Tocava repique e foi comparado ao James Brown por conta das batidas inspiradas no funk norte americano.

Mano Brown deu voz aos favelados porque suas músicas também representam como é viver em condições desfavoráveis. Nem sempre uma figura tão forte é bem aceita na nossa sociedade e algumas pessoas, principalmente na internet, tem um certo medo dele. Suas posições e opiniões são muito fortes, principalmente quando ele está falando de assuntos delicados como, cotas raciais, ações de policiais e desigualdade social. Precisamos lembrar que suas opiniões sempre aparecem na mídia e. graças a sua fama, ele se tornou uma grande figura na luta antirracista.

Atualmente está com 53 anos e, infelizmente, não faz parte do grupo Racionais por causa de conflitos internos e todos pareciam ter perdido a vontade de cantar. Sua "chama" não apagou por conta de seu podcast chamado Mano a Mano que fala sobre diversos assuntos que assombram nossa sociedade como, esporte, política, religião, sociedade, cultura e tudo que é mais importante de acordo com ele. Fez um livro em 2018 com todas as letras das músicas e imagens do grupo.

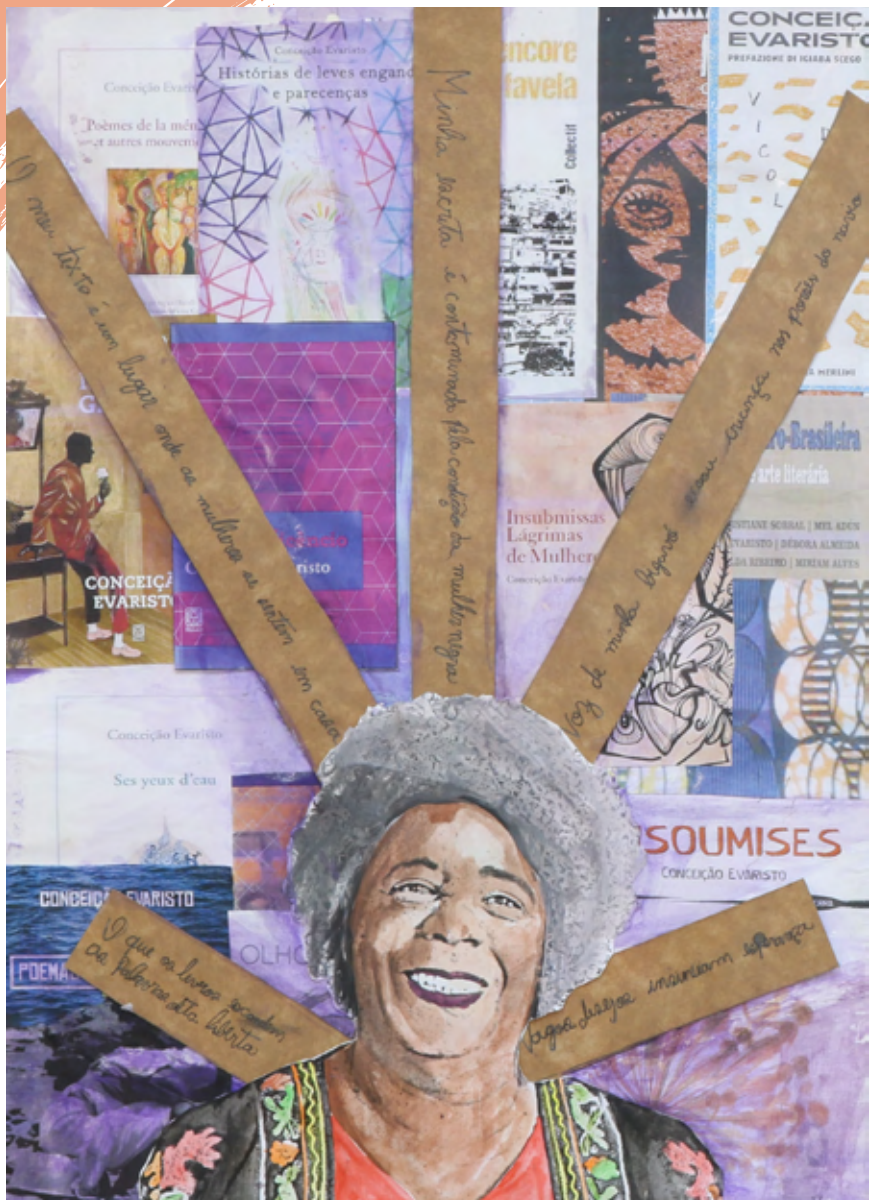
Partes da vida de Mano Brown se assemelha a de Carolina Maria de Jesus. Ambos nasceram na favela, tiveram dificuldades para crescer e tornaram suas obras a voz das favelas. A diferença é que ela não teve o mesmo reconhecimento que ele.

CONCEIÇÃO

Evaristo,

a escritora insubmissa

Por: Pedro Henrique Paniquar e Valentina Ravan



Maria da Conceição Evaristo de Brito, nasceu em 29 de novembro de 1946 em Belo Horizonte, Minas Gerais. Atualmente ela tem 76 anos. Foi criada em uma periferia na zona sul chamada "Becos do Pau Preto" Saiu da favela para finalizar a educação básica e concluir o magistério para dar aula na educação infantil enquanto trabalhava como empregada doméstica, isto em 1971 com 25 anos. Apenas em 1973 passou a atuar como professora.

Cursou letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1987 e em 1990 formou-se professora.

Em 1980 fez uma parceria com o grupo Quilombhoje, que é um coletivo cultural, e uma editora de São Paulo, e isso deu um grande incentivo na iniciativa das suas escritas na literatura.

Em 1990 teve obras publicadas na série Cadernos Negros. Suas obras abordam temas como discriminação racial, de gênero e de classe e, a partir de 2015 foram traduzidas para francês.

- Olhos d'água em 2014.
- Ponciá Vicêncio em 2003.
- Becos da memória em 2006.
- Insubmissas lágrimas de mulheres: em 2011.
- Canção para ninar menino grande em 2018.
- Poemas da recordação e outros movimentos em 2008.
- Histórias de leves enganos e parecenças 2016.
- Banzo: mémoires de la favela em 2016.
- A escritora afro-brasileira: ativismo e arte literária Conceição Evaristo em 2016.

A escritora Conceição Evaristo foi laureada, em setembro de 2023, com o Troféu do Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano de 2023. Por conta de sua contribuição à literatura brasileira.

MESTRE PASTINHA

Por: Augusto Amado

MESTRE PASTINHA

Vicente Ferreira Pastinha, nascido em 1889, em Salvador, Bahia. É o principal responsável pela difusão dos valores e tradições da capoeira angola. Seu nome é até hoje reverenciado em qualquer roda. Conheceu essa arte quase que por acaso, quando o negro africano Benedito viu Pastinha apanhando em uma arenga com outro garoto, e ofereceu seu cazuá como local de treinamento. Fundou, junto com outros capoeiras, o CECA, Centro Esportivo Capoeira Angola, a primeira escola de capoeira angola. Seu legado é parte da cultura brasileira, e foi apenas em 2008 que foi reconhecida pelo IPHAN como patrimônio imaterial. Pastinha morreu aos 92 anos, na sua terra natal

RYANE LEÃO

Por: Mônica Panza

Re-Imaginar:

Fortunato com Fortuna

Título da obra: *Fortunato com Fortuna*
Técnica: *Colagem e desenho digital*
Data: *2023*
Autores: *Caio Sunago, Gael Kurlat, Gabriela Eberhardt, Lucca Bretas*

CRIOULO FUGIDO.

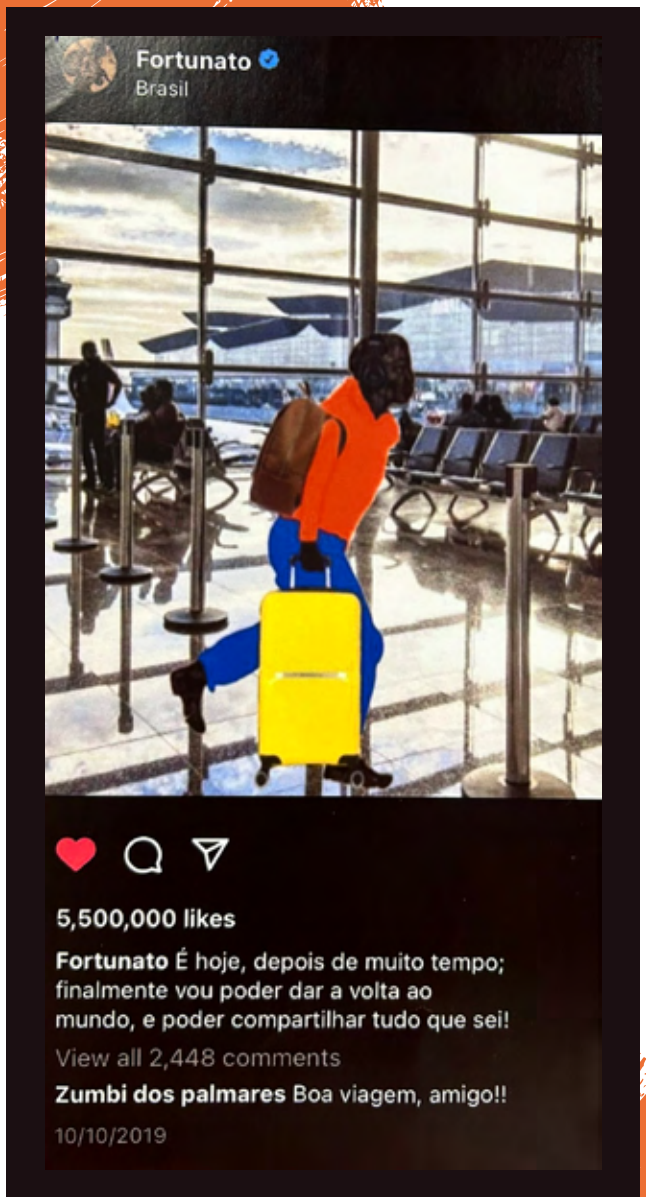
RS. 50U000 DE ALVIÇARAS

Anda fugido, desde o dia 18 de Outubro de 1854, o escravo crioulo de nome

FORTUNATO,

de 20 e tantos annos de idade, com falta de dentes na frente, com pouca ou nenhuma barba, baixo, reforçado, e picado de bexigas que teve ha poucos annos, é muito pachola, mal encarado, falla apressado e com a bocca cheia olhando para o chão; costuma ás vezes andar calçado intitulando-se forro, e dizendo chamar-se Fortunato Lopes da Silva. Sabe cozinhar, trabalhar de encadernador, e entende de plantações da roça, donde é natural. Quem o prender, entregar á prisão, e avisar na côrte ao seu senhor Eduardo Laemmert, rua da Quitanda n.º 77, receberá 50U000 de gratificação.

Rio de Janeiro — Typ. Universal de LAEMMERT, Rua dos Invalidos, 61 B.



"Crioulo fugido: desde o dia 18 de outubro de 1854, de nome Fortunato: RS 50U000 de Alviçaras" 1854, cartaz tipográfico para anúncio em pEb (Laemmert)

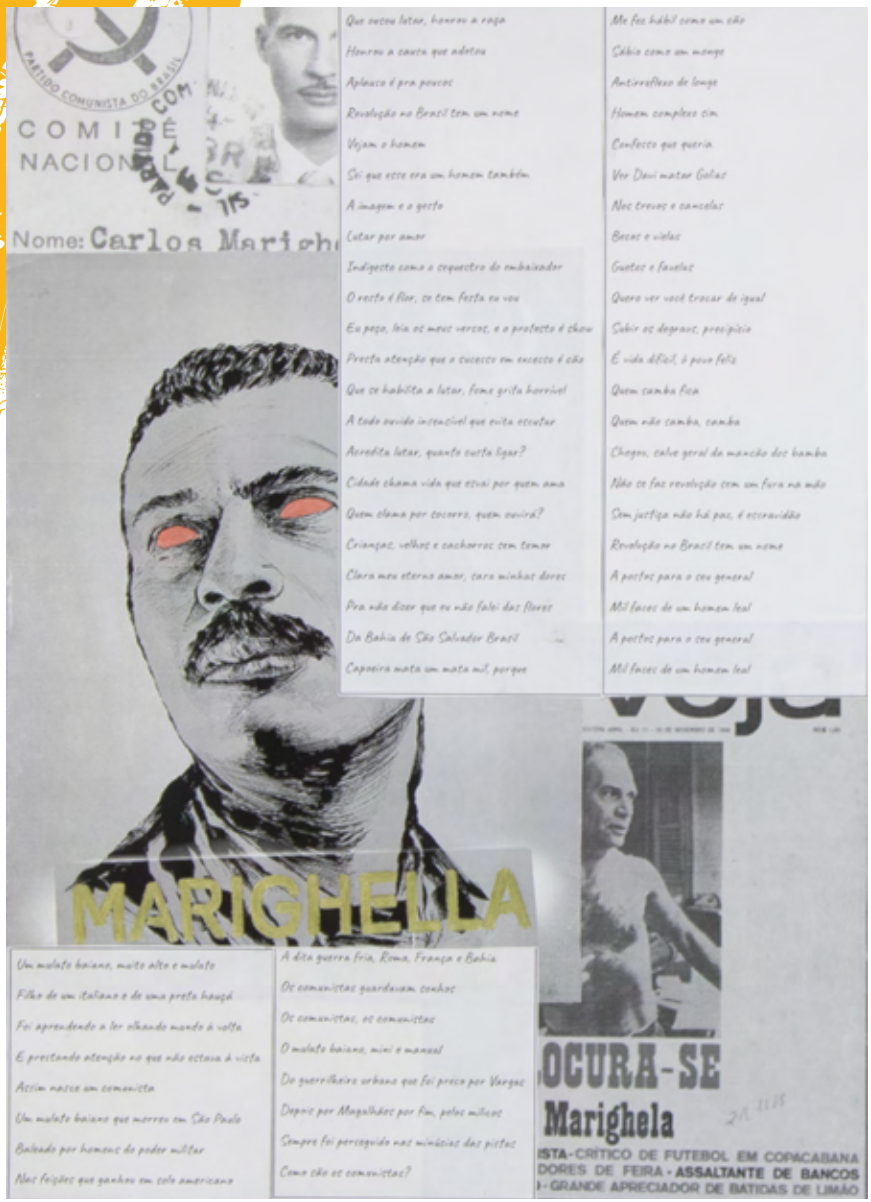
LIA de Itamaracá

Por: Jôse de Assis

Maria Madalena Correia do Nascimento, a Lia, tem 79 anos e é cantora desde os 12. É reconhecida como patrimônio cultural de Pernambuco, obteve o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), atuou em produções cinematográficas, como a participação que fez recentemente no filme "Bacurau", e viajou o mundo levando a cultura popular pernambucana. Por meio da ciranda, a artista pernambucana deu continuidade a um saber ancestral que alimenta permanentemente o que entendemos, enquanto povo nordestino e pernambucano, como identidade cultural. Lia canta os mares, os amores, as relações pessoais, os encantamentos da vida, promove união, resgata uma antiga brincadeira ritualística de dar as mãos e girar numa grande roda.

MARIGHELLA

Por: Gabriel Pedroso



"Um mulato baiano, muito alto e mulato
Filho de um italiano e de uma preta haucá
Foi aprendendo a ler olhando mundo à volta
E prestando atenção no que não estava à vista
Assim nasce um comunista
Um mulato baiano que morreu em São Paulo
Baleado por homens do poder militar"

Um comunista, Caetano Veloso Carlos Marighella nasceu em 5 de dezembro de 1911, em Salvador, Bahia, foi um destacado líder político, intelectual, escritor e guerrilheiro que teve papel fundamental na luta contra a ditadura empresarial militar no Brasil.

Sua entrada na política ocorreu na década de 1930, quando se envolveu em atividades comunistas e se tornou membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Ao longo das décadas seguintes, Marighella se destacou como um líder carismático e articulado, influenciando significativamente a resistência política e os movimentos sociais da época.

Durante os anos da ditadura empresarial militar no Brasil (1964-1985), Marighella foi figura central na luta armada contra o regime, sendo líder fundador da Ação Libertadora Nacional (ALN).

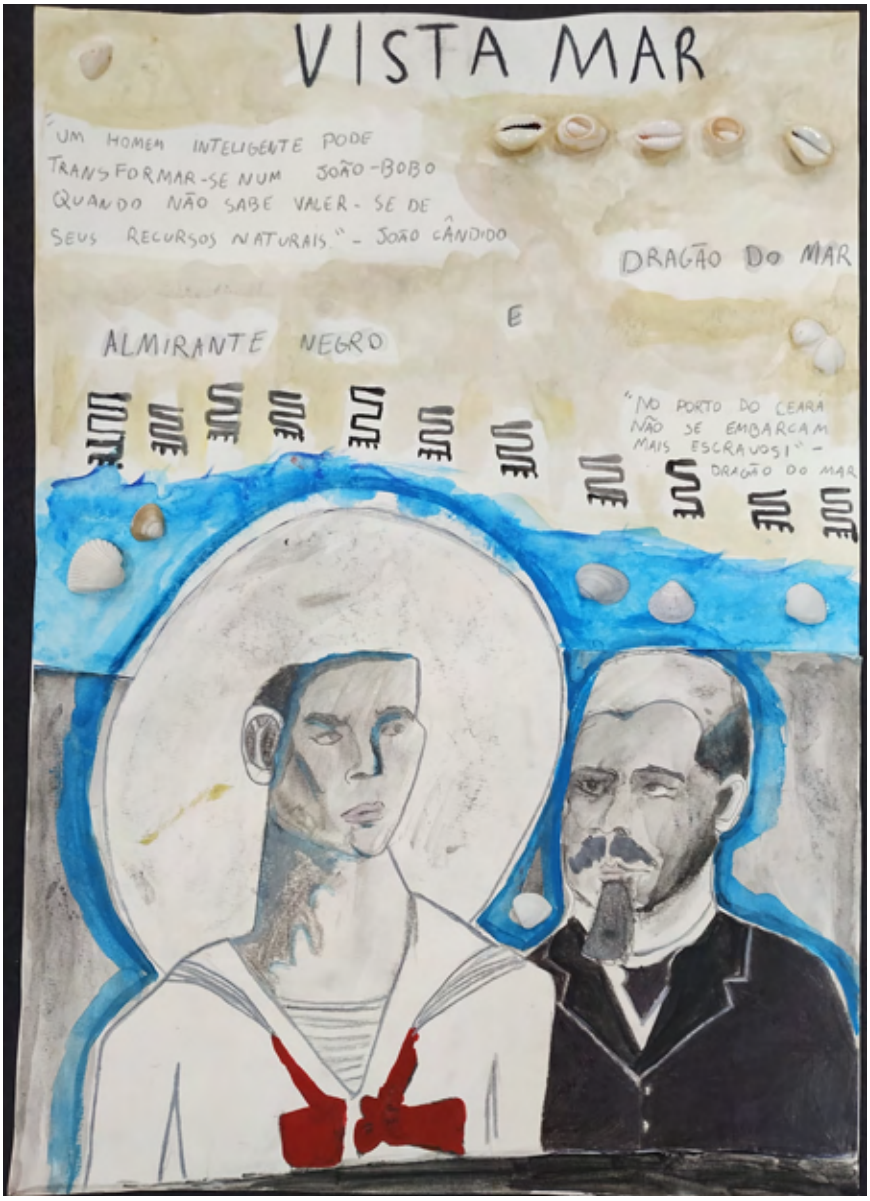
Em 4 de novembro de 1969, Marighella foi brutalmente assassinado pela polícia durante uma emboscada em São Paula Seu legado de resistência contra as opressões e sua luta por um mundo novo, mais justo e igualitário, continuam a ecoar. Sua coragem, intelecto afiado e dedicação às causas do povo o tornaram uma pessoa notável na história de lutas do Brasil.

MARIGHELLA PRESENTE! HOJE E SEMPRE!

VISTA MAR

Dragão do Mar & Almirante Negro

Por: Guilherme Renaud e Paula Zappia



Vista Mar

Dragão do Mar (1839 - 1914)

Francisco José do Nascimento nasceu em Canoa Quebrada - CE, em 15 de abril de 1839, era de origem pobre e filho de pescadores. Precocemente seu pai faleceu, então sua mãe buscou um emprego para ele como menino de recados em navios que iam do Maranhão ao Ceará.

Quando adulto ajudou na construção do Porto de Fortaleza e depois continuou a trabalhar nele. Porém, se incomodou com a quantidade de navios negreiros e, com uma jangada, começou a bloquear a entrada no porto de navios negreiros. Graças a isso, o Ceará foi o primeiro estado brasileiro a abolir a escravidão (1884), quatro anos antes do Brasil inteiro.

Ele morreu em Fortaleza em 1914 aos 74 anos de idade.

João Cândido (1880 - 1969)

João Cândido nasceu em 24 de junho de 1880 em Encruzilhada do Sul - RS e seus pais eram ex-escravizados que viviam em uma pequena fazenda. Logo cedo começou a trabalhar no Exército Brasileiro como jovem aprendiz, aos 14 anos se alistou na marinha e fez viagens onde presenciou algumas revoltas, que iriam inspirar para a revolta em que seria o líder futuramente.

Algo o incomodava muito na marinha: as chibatadas ainda como castigo, lembrando os tempos de escravidão. Em 1910 liderou a Revolta dos Marinheiros (ou Revolta da Chibata) que tentava pôr fim à "escravidão na marinha" como diria João Cândido. Ele foi chamado pela imprensa de "Almirante Negro" e durante quatro dias canhões foram apontados para a Baía da Guanabara. A revolta só terminou com um acordo entre o Governo e os revoltosos.

Após a revolta ele foi preso e quase morreu. Sua saúde estava debilitada e ele veio a óbito em 1969 por conta de um câncer de intestino aos 89 anos.

Cruzamentos

A história dos dois se cruza em dois aspectos. O primeiro é que ambos lideraram revoltas contra o racismo. Nenhum dos dois nasceu querendo liderar uma revolta e transformar o mar de um lugar de sofrimento e morte em um espaço de luta e indignação. Antes do Dragão do Mar os navios negreiros chegavam no porto "sem problema". Ele bloqueou as embarcações e transformou o mar em um espaço de resistência. João Cândido fez o mesmo. Liderou uma revolta que acabou com a chibata na marinha brasileira.

O segundo aspecto é o final da vida de cada um. Os dois caíram em esquecimento após suas vidas acabarem mesmo liderando movimentos importantes e que acabaram com a opressão. Mesmo vivendo em épocas distintas, os dois lutaram em seu tempo. Se continuarmos nos esquecendo deles, esqueceremos de várias lutas em diferentes épocas, como a de Carolina Maria de Jesus. Ela também lutou contra a opressão e "escravatura" de sua época. Porém, diferentemente dos dois já citados, ela fez do papel e do lápis seu espaço de luta e resistência e assim como os dois, morreu esquecida por todos.

Atualmente a maioria da população é negra e mesmo assim grandes personalidades negras continuam sendo esquecidas. Ambos interfiriram na história do Brasil. Dragão na abolição e João Cândido no fim da chibata. Suas influências na história e suas importâncias foram gigantes perto do reconhecimento que receberam por isso.

AR THUR
Bispo do Rosário

Por: Alice Almeida e Tadeu Cruz

Arthur Bispo do Rosário nasceu em Japaratuba, Sergipe, em 1911, e faleceu no Rio de Janeiro em 1989. Ele era um artista que se tornou conhecido nacional e internacionalmente por criar obras de arte usando objetos comuns encontrados na instituição onde viveu internado.

Em 1925, ele se mudou para o Rio de Janeiro e encontrou emprego na Marinha Brasileira e na empresa de eletricidade Light. Depois de ter um "delírio místico", ele se apresentou a um mosteiro em 1938, e foi encaminhado para o Hospital dos Alienados, na Praia Vermelha. Ele foi diagnosticado com esquizofrenia paranoica e internado na Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá.

Entre 1940 e 1960, ele alternou entre períodos de internação e períodos em que trabalhou em casas no Rio de Janeiro. No início da década de 1960, ele começou a trabalhar na Clínica Pediátrica AMIU, onde vivia em um pequeno quarto no sótão. Foi lá que ele começou a criar suas obras, fazendo miniaturas de navios de guerra e carros, além de bordados, usando materiais simples. Em 1964, ele retornou à Colônia, onde produziu cerca de 1.000 peças usando objetos do cotidiano.

Re-Imaginar:

da família patriarcal a uma nova família

Título da obra: *Uma Nova Família*
Técnica: *Colagem digital*
Data: *2023*
Autores: *Eduardo Galeazzi, Bruno Campolina, Miguel P. Santos*

Henry Chamberlain era um desenhista e pintor inglês que viajou pelo Brasil na primeira metade do século XIX e registrou cenas cotidianas do final da colônia para o império. Entre os vários registros destacamos a obra " Uma Família brasileira" de 1822, ano da Independência do Brasil. Trata-se de uma representação tipicamente patriarcal em que vemos o senhor branco passeando à frente de sua família (mulheres e filhos) e bem atrás vemos pessoas escravizadas descalças.

A nossa ressignificação foi feita para criticar o conceito de uma ordem de direitos sem muito espaço de fala ou cidadania para as minorias sociais como mulheres, negros, indígenas e homoafetivas. Nosso objetivo na imagem foi fazer uma representação de como seria um mundo mais igualitário. De mostrar o resultado de todas as lutas que enfrentaram para chegar onde elas estão agora, desde a época colonial até os dias atuais. Como trabalhamos com o propósito de re-imaginar imagens do passado, optamos por manter o mesmo fundo da cidade do Rio de Janeiro.

Utopia é a ideia de uma sociedade idealizada para todos e todas sem preconceitos e ódios contra etnia, identidade de gênero e classe, em resumo: formando união independentemente das diferenças externas ou internas. A partir desses conceitos, nossa idela para a imagem foi reunir famílias de diferentes comunidades e etnias como indígenas, uma família com relacionamento homoafetivo entre dois homens, uma família negra e uma família de duas pessoas trans no mesmo local em que Chamberlain retratou sua pintura patriarcal.

PIXIN GUI NHA,

o carinhoso *jazzman*

Por: Vida Lima e Pedro Campos

Alfredo da Rocha Vianna Filho, o Pixinguinha, nasceu em 4 de maio de 1897 na cidade do Rio de Janeiro. Ele faleceu em 17 de fevereiro de 1973, devido a complicações de saúde, deixou um filho adotivo, Alfredo da Rocha Vianna Neto.

Foi multi instrumentista, professor, arranjador, compositor e destacou-se nos instrumentos de sopro como a flauta e o saxofone. Uma das hipóteses de seu apelido “Pixinguinha” é que sua avó Edwiges, africana de nascimento, o chamava por um derivado de dialeto: “Pizindin”: menino bom, que depois virou Pixinguinha.

Pixinguinha, vivia numa casa cheia, tinha treze irmãos e era filho de Raimunda Maria da Conceição e Alfredo da Rocha Vianna e cresceu em um ambiente musical influente repleto de partituras de choro, incluindo de Joaquim Callado, o "patrono dos chorões". Seu pai era um flautista amador e funcionário dos Telégrafos, fazia parte de um grupo de músicos que popularizou o choro no final do século XIX e início do século XX. Sua casa era um local de encontros musicais, onde participavam músicos incríveis como "Irineu Batina", "Candinho Trombone", Viriato Ferreira, Heitor Villa-Lobos e "Quincas Laranjeira".

Pixinguinha é reconhecido como um dos grandes ícones da MPB, com sua obra apreciada e respeitada; considerado um dos fundadores da música popular brasileira urbana e teve um papel formativo na musicalidade do Brasil. Poucos músicos têm tanto prestígio e homenagens como ele. Sua influência foi fundamental para o desenvolvimento do choro, do samba e para a consolidação do carnaval carioca. O legado mais significativo para a nossa cultura é sua imagem como músico popular completo e genial. Seu grupo Os Oito Batutas foi o primeiro conjunto popular a obter reconhecimento internacional. Dono do sucesso inesquecível e amplamente reconhecido : Carinhoso, de 1917: *“meu coração, não sei por que bate feliz quando te vê...”*

WANGARI MUTA MAATHAI

Por: Carmen Hester

"It's the little things citizens do. That's what will make the difference. My little thing is planting trees."

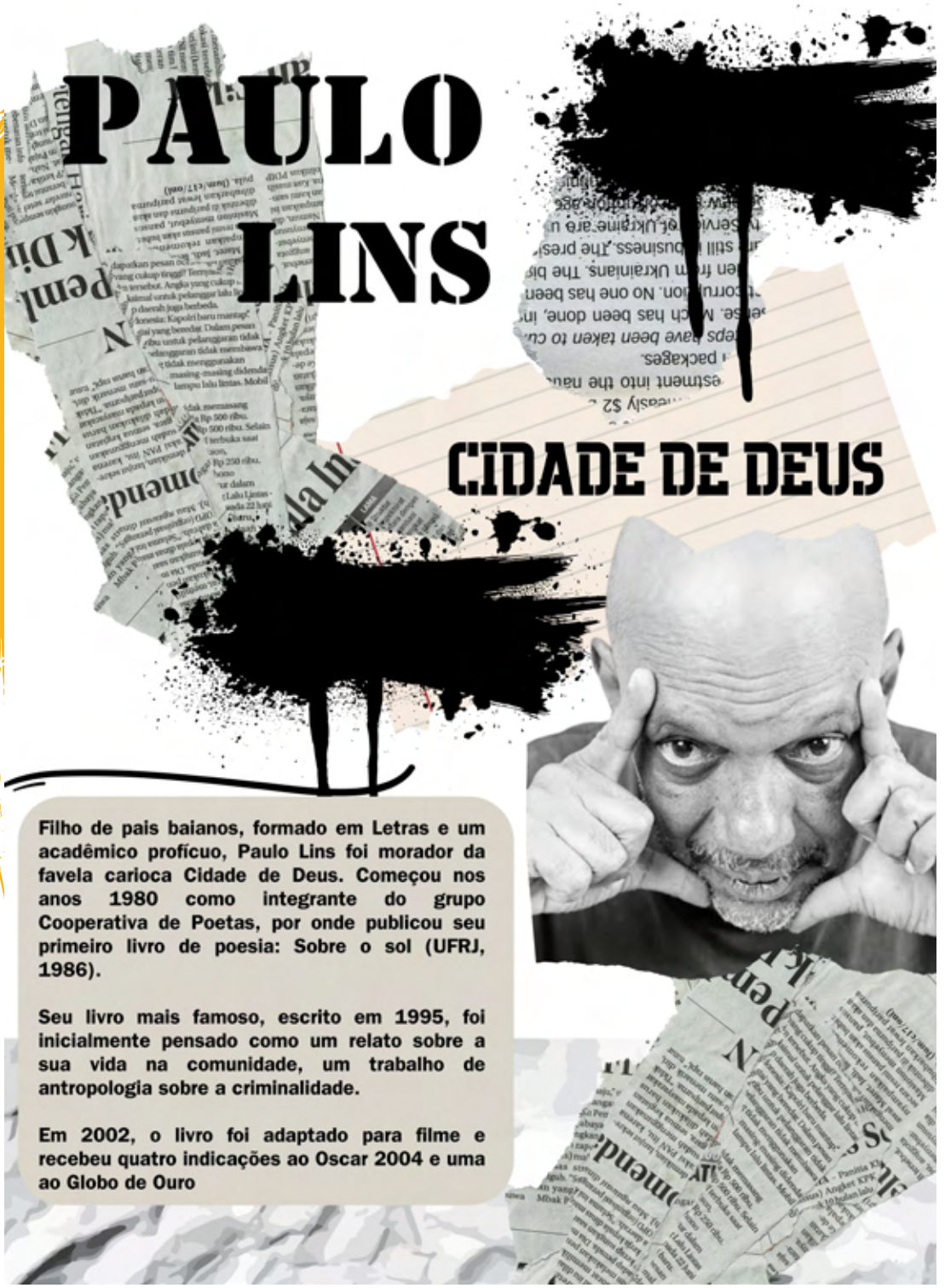
Wangari Muta Maathai

(1 de abril de 1940 - 25 de Setembro de 2011)

Foi uma professora e ativista política do meio-ambiente do Quênia. Em 2004, foi a primeira mulher africana a receber o Prêmio Nobel da Paz, por sua contribuição para o desenvolvimento sustentável, a democracia e a paz. Maathai fundou o *Green Belt Movement*, uma organização não governamental ambiental concentrada em plantação de árvores, conservação ambiental, e direitos das mulheres.

PAULO LINS

Por: Gabi



Filho de pais baianos, formado em Letras e um acadêmico profícuo, Paulo Lins foi morador da favela carioca Cidade de Deus. Começou nos anos 1980 como integrante do grupo Cooperativa de Poetas, por onde publicou seu primeiro livro de poesia: Sobre o sol (UFRJ, 1986).

Seu livro mais famoso, escrito em 1995, foi inicialmente pensado como um relato sobre a sua vida na comunidade, um trabalho de antropologia sobre a criminalidade.

Em 2002, o livro foi adaptado para filme e recebeu quatro indicações ao Oscar 2004 e uma ao Globo de Ouro

ELZA SOARES,

a voz brasileira do milênio

Por: Maria Eduarda Pontual e Thomas Senna

Elza Gomes da Conceição, nasceu em 23 de junho de 1930 numa favela no Rio de Janeiro, filha de um operário e uma lavadeira. Começou a cantar quando criança com o pai, que gostava de tocar violão quando tinha tempo.

Sua infância foi dura e aos 12 anos de idade seu pai a obrigou a se casar com Lourdes Antônio Soares, que lhe passou o sobrenome. Com um ano depois ela teve seu primeiro filho, João Carlos que veio a falecer. Aos 15 anos ela perdeu seu segundo filho e ficou viúva aos 21 anos.

Elza iniciou sua carreira como cantora de samba, apresentando-se em casas noturnas da capital carioca. O sucesso no mundo do samba veio um tempo e depois nos anos 60, com hits memoráveis como "Se Acaso Você Chegasse" e "Malandro". Sua voz singular e estilo inovador a destacaram no cenário do samba e a tornaram uma figura icônica.

Ela não se limitou ao samba e ao longo de sua carreira, explorou uma ampla gama de gêneros musicais, incluindo bossa nova, música popular brasileira a (MPB), rock e música eletrônica. Sua versatilidade a transformou em uma figura emblemática da música brasileira.

Além de sua música, Elza Soares era conhecida por abordar temas sociais e políticos em suas letras. Ela foi uma defensora dos direitos humanos e dos direitos das mulheres, e suas canções frequentemente refletiam essas causas.

Sua discografia notável inclui diversos álbuns, entre eles "A Mulher do Fim do Mundo", que recebeu aclamação da crítica e abordou questões sociais profundas.

A carreira de Elza ultrapassou as fronteiras do Brasil, levando sua música ao público internacional. Recebeu prêmios e reconhecimento em todo o mundo por sua contribuição à música e à cultura brasileira. Mesmo após tantos anos de carreira, Elza Soares permaneceu ativa na música e foi uma das figuras mais respeitadas e admiradas da cena musical brasileira. Seu legado como cantora e defensora de causas sociais é duradouro e profundamente significativo.

Elza morreu aos 91 anos no dia 20 de janeiro de 2023 no Rio, deixando uma enorme marca na cultura brasileira.

ISMAEL IVO,

o “destruidor de barreiras”

Por: Larissa Sacramento

“Eu sempre digo que o terreiro foi o primeiro contato que tive com arte, porque me abriu as asas da imaginação.”
— Ismael Ivo

Destruidor de barreiras. Assim, Emicida definiu, o homem e artesão do balé mundial: Ismael Ivo.

Nascido em 1955 na periferia da zona leste de São Paulo, Ivo teve na mãe, empregada doméstica, sua incentivadora que deu asas ao menino que voou alto. Ainda jovem, chamou atenção e recebeu bolsa de estudos para o balé. Trabalhou com grandes nomes da história da arte e do competitivo mundo da dança.

Realizou feitos memoráveis: da dança de rua para o Teatro Municipal de São Paulo; o trabalho com os coreógrafos e bailarinos Klauss Vianna, Alvin Ailey, Pina Bausch, Márcia Haydée entre outros gigantes.

O pioneirismo marcou sua existência: o primeiro negro e estrangeiro a dirigir o Teatro Nacional Alemão e a direção da Bienal de Veneza como curador. No Brasil, foi também o primeiro negro a dirigir o Balé da Cidade de São Paulo e foi condecorado com a Ordem do Mérito Cultural pelo Ministério da Cultura em 2010.

Ivo foi vítima da Covid 19, que o levou em abril de 2021, aos 66 anos de idade. Seu legado para a arte e para a representatividade negra é gigante. Em suas próprias palavras: “vá e diga ao mundo que tentei”. E conseguiu!

São extensas as conquistas como bailarino, coreógrafo, diretor e curador de arte. E, é impossível não falar de sua presença cênica e expressividade. Qualquer um que tenha assistido suas atuações no balé e no teatro, ou visto fotos de Ivo fica impactado e registra para sempre na memória sua notável elegância, seu expressionismo e a beleza plástica.

Re-Imaginar:

Debret e o Jantar

Jean-Baptiste Debret nasceu em 1768 em Paris, França e foi pintor, gravador e professor. Em 1816 integrou, com outros membros, a Missão Artística Francesa ao Brasil, ordenada por Dom João VI com o objetivo de formar gerações de artistas e arquitetos na colônia ("com critérios de gosto e civilidade francesa") e registrar cenas cotidianas e paisagens.

A xilogravura "Um Jantar brasileiro" , criada em 1827 por Debret, retrata um casal de senhores à mesa enquanto escravizados os servem de diferentes formas: espantando mosquitos, atentos aos pedidos, distraindo sua senhora (crianças).

O contexto da obra de Debret traz como tema as relações cotidianas no Brasil Colonial e a convivência entre o negro e o branco.

Nós ressignificamos a pintura, trocando os brancos da mesa por pessoas negras umbandistas. Elas estão sentadas em volta da mesa fazendo oferenda para suas entidades e Orixás. O desenho é repleto de elementos da religião. A escolha do tema é para relacionar ao nome da pintura original, ''Um jantar brasileiro''.

A umbanda teve sua origem na escravização, quando os africanos vieram forçados ao Brasil e, juntando-se às crenças dos povos originários brasileiros e à matriz cristã.

Na nossa visão, não há algo que represente mais o Brasil do que uma religião completamente brasileira.

Título da obra: *Um jantar verdadeiramente Brasileiro*

Técnica: *Giz de Cera e Lápis de Cor*

Data: *2023*

Autores: *Leo Salvarani, Leonardo Gabriel, Bernardo Pierotti*

Nosso objetivo é relembrar as culturas dos povos que aqui residem e foram explorados, ressignificando o que realmente seria um jantar brasileiro, e dar a necessária visibilidade ao racismo e a intolerância religiosa, que devem ser dizimados de nossa sociedade.

SÔNIA Guimarães:

redefinindo quem faz ciência

Por: Thiago Pinheiro

1993. ITA, Instituto Tecnológico de Aeronáutica, SP, a mais conceituada e concorrida instituição acadêmica do Brasil e reconhecidamente masculina e branca até então.

Mas a jovem professora de física Sonia Guimarães está chegando para quebrar essas barreiras e se tornar a primeira mulher professora (e negra) numa instituição que até então não aceitava mulheres como alunas.

Sonia Guimarães, filha de um tapeceiro e uma comerciante, nasceu no interior de São Paulo, em Brotas, em 1957. Advinda da escola pública entrou em física na também concorrida Universidade Federal de São Carlos, onde era uma das cinco mulheres entre cinquenta homens. A única negra. Fez seu mestrado na USP de São Carlos e o doutorado, PhD, na Universidade de Manchester na Inglaterra com bolsa da CNPq. Tornava-se a primeira mulher negra doutora em física no Brasil.

A doutora Guimarães foi aprovada em algumas universidades de prestígio para dar aulas em sua volta ao Brasil. Mas optou por ficar no renomado ITA, que ficava próxima a sua família.

Até esse momento colecionava experiências de racismo em toda sua vivência educacional e não foi diferente e acredita que racismo se combate com educação e cabeça em pé.

Recebeu em 2023 a Medalha Santos Dumont de Honra ao Mérito pelos seus 30 anos de ITA, ano em que também foi eleita uma das cem pessoas mais inovadoras da América Latina pela Bloomberg. Como pesquisadora, Sonia se destaca por seus estudos sobre sensores de calor e por ser especialista em *propriedades eletrólicas de ligas semicondutoras crescidas epitaxialmente*, tecnologia usada em celulares.

Em sua trajetória Sonia vem lutando como defensora e divulgadora da ciência, da importância das mulheres nos espaços acadêmicos e de pesquisa científica e sobretudo das ações afirmativas por meio das cotas para estudantes negros e negras. Vem acompanhando os avanços da representatividade negra que adentra as portas das universidades públicas e decidiu adiar sua aposentadoria para acompanhar a aguardada e demorada entrada de estudantes cotistas no ITA e dá seu recado aos conservadores racistas e machistas de plantão: “eu tenho falado. Eles me odeiam por causa disto. Agora eu conto a minha história e as pessoas decidem”.

Sonia Guimarães é partícipe fundamental na reinvenção de quem pode fazer e pensar ciência.

LIMA BARRETO

e o ser negro como tema central

Por: Mayra Martins

"Querem saber de uma cousa?
No Brasil, tudo é possível."
— Lima Barreto

A mãe, professora primária, o pai, tipógrafo. Ambos negros e moradores da cidade do Rio de Janeiro, entre os filhos que tiveram: Affonso de Henriques de Lima Barreto ou apenas Lima Barreto, nome pelo qual foi, mais tarde, consagrado. Nascido em data memorável nos exatos sete anos que antecederam a abolição da escravatura no Brasil. A data? 13 de maio de 1881. O menino assistiu com o pai a abolição ser anunciada como promessa de tempos mais justos. Mas ela veio marcada pela exclusão e desigualdade.

Em tempos onde as leis impediam a educação de crianças negras, estudou na escola fundada pelo pai e teve a mãe como primeira professora. A educação de qualidade foi garantida pelo padrinho, o visconde de Ouro Petro, ministro do Império.

Perdeu a mãe cedo e passou a ser arrimo de uma família com três irmãos, os agregados e o pai, aos vinte e um anos quando ingressou como funcionário público na Secretaria de Guerra e tocava ao mesmo tempo seus projetos e produções literárias escrevendo artigos e crônicas para a imprensa do Rio de Janeiro.

Visionário, escreveu sobre as desigualdades e denunciou o racismo através das histórias de seus personagens, numa escrita quase autobiográfica. Fez críticas ao modelo de urbanização do Rio de Janeiro que expulsava a população pobre dos cortiços no centro, levando-as para áreas mais distantes e precárias. Foi jornalista, cronista e contista e, entre 1909 e 1922, ano de sua morte, escreveu centenas de crônicas e contos tendo a crítica, a ironia, o humor e o sarcasmo como marcas da sua obra. O homem que sabia javanês (1911) e Nova Califórnia (1910), estão entre suas importantes produções. O triste fim de Policarpo Quaresma, romance pré-modernista publicado em 1911, é reconhecido como sua obra-prima juntamente com Clara dos Anjos, lançada postumamente.

A boemia e o alcoolismo marcaram sua breve e intensa história onde foi vítima de racismo e das críticas de não ser visto como um escritor virtuoso, apesar da qualidade da sua obra singular ao entender a escrita como forma de intervenção social. Morre em casa aos 41 anos, depois de internações em hospício e quadro de depressão, tendo sua obra esquecida por muito tempo, redescoberta depois de 1950 pelo biógrafo Assis Barbosa e reverenciada na atualidade.

BEATRIZ Nascimento,

o quilombo como corpo-memória

Por: Luciana Sobral

"A história do Brasil foi uma história escrita por mãos brancas". Afirma de forma cortante e precisa a historiadora e uma das intelectuais mais fundamentais que pensou o Brasil: Maria Beatriz Nascimento, mulher negra, migrante nordestina e a oitava filha de dez filhos de seu Francisco e dona Rubina que nasceu em 1942 em Aracaju, Sergipe. A família migrou para o Rio de Janeiro em 1949.

Beatriz graduou-se em História pela UFRJ em 1971 e, em seguida, tornou-se professora na rede estadual e pesquisadora do Arquivo Nacional sob orientação de José Honório Rodrigues. Fez especialização pela UFF em História do Brasil e, a partir daí, dedica-se a conciliar estudos acadêmicos em história e antropologia e ativismo político antirracista dentro e fora da universidade. Destacam-se seus estudos pioneiros sobre resistência e organização sócio-cultural em territórios de identidade e afirmação existencial negra em quilombos, favelas e bailes blacks.

Entre 1974 e 1975 criou na UFF o grupo de trabalho André Rebouças e o Institutode Pesquisa das Culturas Negras (IPCN) e passa a partilhar trajetórias de militância e pesquisa com pensadores do movimento negro como Lélia Gonzalez, Hamilton Cardoso e Eduardo Oliveira. Com este último participa em 1977 da antológica Quinzena do Negro na USP.

Em 1979 viaja para a África e amplia seus estudos sobre quilombos em Angola. Suas viagens corroboram as conexões culturais Brasil-África. Em 1989, a partir de seu roteiro filma com a socióloga e cineasta Raquel Gerber, o admirável documentário Orí (cabeça, consciência em yorubá) que entrelaça sua vida, o movimento negro no Brasil de 1977 a 1988, as relações diaspóricas transatlânticas entre Brasil e África e a fundamental instituição quilombola como permanência e transmutação histórica para pensar a existência, o corpo, a música, o gesto, as artes e os rituais das comunidades negras em comunhão com o tempo, o espaço e a ancestralidade.

O gigante Muniz Sodré era seu orientador em 1995 na UFRJ quando Beatriz foi vítima de feminicídio ao defender uma amiga de violência doméstica.

Professora, pesquisadora, roteirista, ativista e poeta, Beatriz Nascimento teve sua obra organizada e publicada postumamente por Alex Ratts e seus poemas pela filha Bethânia que foi bailarina do Para Angela Davis, Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento são fundadoras do feminismo negro.

Em 2023, o governo federal criou Atlânticas: Programa Beatriz Nascimento de Mulheres na Ciência que contempla bolsas de estudo no exterior para mulheres negras e indígenas. Cabe a nós conhecer, ler e dialogar com essa mulher que anunciava: *"A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou."*

IRMÃOS Rebouças,

irmãos à obra

Por: Arthur Sanchez e Guilherme Guidorizzi

André Pinto Rebouças (1838-1898) e Antônio Pereira Rebouças Filho (1839-1874), nasceram em Cachoeira (Bahia) e eram filhos de Antônio Pereira Rebouças e de Carolina Pinto Rebouças. Seu pai, filho de uma negra nascida livre, teve um total de oito filhos, sendo Antônio e André muito unidos. Em 1846, a família Rebouças se mudou para o Rio de Janeiro.

André Rebouças trabalhou como engenheiro e inventor e participou do movimento abolicionista. Ganhou fama no Rio de Janeiro, capital do Brasil, na época, ao solucionar o problema de abastecimento de água, trazendo nascentes de fora da cidade. Ele partiu para o exílio, junto com a família imperial.

Em 1873. Antônio foi contratado para ser engenheiro militar da Estrada de Ferro Jundiahy-Campinas como engenheiro-chefe.

André como uma pessoa negra e bem sucedida, se sentia no dever de ajudar no processo de abolição, ele ajudou financeiramente e em alguns debates, pensando que não fazia sentido pessoas negras estarem escravizadas. Ele foi um dos representantes da pequena classe média negra em ascensão no Segundo Reinado e era uma das vozes mais importantes do abolicionismo no Brasil. Andre ajudou a criar uma Sociedade Brasileira contra a escravidão.

Antônio Rebouças morreu no dia de 24 de maio de 1874 e seu irmão André Rebouças morreu no dia 9 de maio de 1898. A família Rebouças tem uma enorme participação nas obras de engenharia do século XIX, na política, no jornatismo e no movimento abolicionista. Foram homenageados com nomes de avenidas e túneis no eixo Rio-São Paulo e outros lugares do Brasil. O que muitos desconhecem é que são personalidades negras e nosso trabalho presta tributo e reconhecimento aos Rebouças.

DJA VAN

Por: Tonico

COMBATE AO RACISMO
NÃO É UMA LUTA NEGRA, É UMA LUTA HUMANA
A REALIZAÇÃO NÃO TEM COR
-ABRAHAM LINCOLN
Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.
—Nelson Mandela

AfroBio Imagens

2023

Escola Viva